

A versão definitiva deste artigo foi publicada em:

Battaglia, Maria Helena Voorsluys & Nomura, Masa (orgs.). *Estudos lingüísticos contrastivos em alemão e português*. São Paulo, Annablume, 2008, pp. 41-82.

SINTAGMAS NOMINAIS CONTÁVEIS E NÃO-CONTÁVEIS NO ALEMÃO E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO*

Hardarik Blühdorn, Institut für Deutsche Sprache, Mannheim, Alemanha
Luciene Simões, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre
Márcia Schmaltz, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

0. Resumo

O presente trabalho discute a classificação dos substantivos e/ou sintagmas nominais em contáveis e não-contáveis no alemão e no português do Brasil. Propomos um modelo de estrutura, válido para ambas as línguas, em que a contabilidade é construída composicionalmente em nível do sintagma nominal, mediante três traços sintático-semânticos: [\pm individuado], [\pm incrementado] e [\pm delimitado]. O valor do primeiro traço é fixado pelo quantificador, o do segundo, pelo número e o do terceiro, pelo substantivo. Na língua alemã, os três traços contribuem para a constituição da contabilidade, sendo o terceiro o traço menos importante. No português brasileiro apenas os dois primeiros mostram-se produtivos, enquanto o terceiro é irrelevante. Isso corresponde a dizer que não se distinguem substantivos contáveis e não-contáveis no léxico do português brasileiro. Para ambos os idiomas, as propostas são ilustradas com exemplos autênticos de uso.

Palavras-chave: Sintagma nominal, contabilidade, número, referência, definitude, quantificação.

1. Introdução

As gramáticas tradicionais da língua portuguesa (p.ex., Said Ali, 1965: 22; Cunha & Cintra, 1985: 171ss.; Bechara, 1999: 114ss.; Neves, 2000: 67ss.) classificam os substantivos em próprios vs. comuns, concretos vs. abstratos, individuativos vs. coletivos vs. massivos, entre outras classificações. Tais tipologias tendem a fundamentar-se em conceitos filosóficos mais do que em dados lingüísticos. O mesmo é válido, em princípio, para a distinção entre substantivos contáveis vs. não-contáveis (cf. Mateus et al., 1983: 77ss.; Neves, 2000: 82ss.). Por enquanto pouco discutida em

* O presente artigo é fruto de um projeto de pesquisa que se iniciou em outubro e novembro de 2002 junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Gostaríamos de agradecer à FAPERGS o apoio sob a forma de auxílio para pesquisador visitante

relação à língua portuguesa, essa distinção é corriqueira nas gramáticas do inglês (cf. Gillon, 1992). Segundo Quirk et al. (1985: 245ss.), os substantivos contáveis denotam *individual countable entities* e os não-contáveis, *undifferentiated masses or continua*. No entanto, como os autores advertem, essa distinção não se explica plenamente em termos de propriedades dos objetos do mundo extra-lingüístico. Ela deve ser vista, também, como uma distinção gramatical da língua inglesa, que pode ou não existir em outros idiomas (cf. Camacho & Pezatti, 1996: 156).

Quirk et al. (1985: 245ss.) formalizam a distinção entre *count* e *noncount nouns* mediante cinco critérios distribucionais. Segundo eles, apenas os substantivos contáveis (como *book* [livro]) possuem formas de plural. No singular, eles podem ser usados com o artigo indefinido *alan* (*there's a book on the table* [tem um livro em cima da mesa]); no plural, permitem o emprego desacompanhado de artigos e quantificadores (*there were books on the table* [tem livros em cima da mesa]; o chamado uso *bare* do plural; cf. Gillon, 1992: 614). Ambas as possibilidades, conforme os autores, não existem com os não-contáveis (como *furniture* [mobiliário]: **there's a furniture in the room* [tem um mobiliário na sala], **there were furnitures in the room* [teve mobiliários na sala]). Esses, por sua vez, permitem o uso *bare* no singular (*there's furniture in the room* [tem mobiliário na sala]) e podem ser combinados com quantificadores de medição como *some* e *any* não-acentuados (*there's some furniture in the room* [tem algum mobiliário na sala]), possibilidades inexistentes com o singular dos contáveis (**there's book on the table* [tem livro em cima da mesa], **there's some book on the table* [tem algum livro em cima da mesa]). A partir desses critérios, os autores reconhecem, para a língua inglesa, três classes de substantivos: *count nouns*, *noncount nouns* e *nouns with 'dual class membership'* (como *brick* [tijolo] ou *cake* [bolo]), que podem ocorrer em todas as construções acima e, conseqüentemente, são usados ora como contáveis, ora como não-contáveis.

Além da tipologia dos substantivos, os autores distinguem, para o inglês, cinco tipos de determinantes e quantificadores (Quirk et al., 1985: 255ss., 262s.):

- (i) os que não apresentam restrições distribucionais em relação à contabilidade, como o artigo definido *the* [o] (*the furniture in the room*, *the book(s) on the table*),

(processo nº 02/0979-4). Agradecemos, ainda, a Leila Behrens, Erwin Koller e Evani Viotti por valiosos comentários e discussão.

- (ii) os que se combinam com substantivos não-contáveis e com o plural dos contáveis, como *some* [algum], *any* [qualquer], *enough* [suficiente] e o assim chamado artigo zero em sintagmas *bare* (*there's some furniture in the room, there were some books on the table*),
- (iii) os que só se combinam com substantivos contáveis no plural, como *many* [muitos] e *a few* [poucos] (**there's many furniture in the room, *there's many book on the table, there were many books on the table*),
- (iv) os que se combinam apenas com substantivos não-contáveis, como *much* [muito] e *a little* [pouco] (*there's much furniture in the room, *there's much book / *there were much books on the table*),
- (v) os que só entram em combinações com substantivos contáveis no singular, entre eles *a/an* [um], *every* [todo], *each* [cada] e *either* [um ou outro] (*there's a book / *a books on the table, *there's a furniture in the room*).

Essa tipologia sugere que os quantificadores da língua inglesa estabelecem a distinção entre contável e não-contável mais nitidamente do que os próprios substantivos. Os substantivos com *dual class membership* são desambiguados pelo quantificador e pela forma de número: *many cakes* → contável, *much cake* → não-contável. No entanto, mesmo os substantivos contáveis podem ser usados como não-contáveis, como no exemplo *an inch of pencil* [uma polegada de lápis] (ib.: 1564), e os substantivos não-contáveis, podem ser empregados como contáveis, como em *two coffees* [dois cafés] (ib.: 248).¹ Os autores tratam tais empregos como casos de conversão, i.e., de troca de classe lexical (cf. ib.). Mas seus exemplos mostram que as interpretações do substantivo como contável ou não-contável são desencadeadas, antes de mais nada, pelo quantificador e pela forma de número. Por isso, cabe questionar se, para o substantivo inglês, a distinção gramatical entre contável e não-contável se sustenta, ou se ela deveria, de fato, ser atribuída, mediante quantificador e número, ao sintagma nominal (doravante, SN) (cf. Allan, 1980).

¹ Para explicar essas possibilidades de uso, Pelletier (1975: 5s.) sugeriu um modelo chamado *universal grinder* [moedor universal], uma máquina que transforma indivíduos de qualquer tipo em massa homogênea, p.ex., cadeiras em massa de cadeira, gatos em massa de gato, sapatos em massa de sapato etc. A máquina com função inversa é o *universal sorter* [classificador universal], sugerido por Bunt (1985: 11), que divide qualquer massa em indivíduos, mais especificamente, em subtipos.

Em relação à língua portuguesa, a questão da contabilidade foi discutida por relativamente poucos autores. A primeira monografia no Brasil que se ocupou desse assunto foi a dissertação de mestrado de Simões (1992). Nesse trabalho, manteve-se para o português brasileiro (doravante, PB) a distinção entre substantivos contáveis e não-contáveis como classificação semântica, mas não como divisão morfosintática. A autora procurou demonstrar que todos os substantivos do PB podem combinar-se tanto com marcadores formais de contabilidade como de não-contabilidade, havendo apenas algumas restrições lexicais. Ela propôs que a distinção opera num nível chamado “semântico formal” (cf. Bunt, 1985) e se implementa por meio da presença de pluralização e de certos tipos de quantificadores e determinantes, i.e., dentro do SN. Além disso, num nível mais próximo ao léxico, chamado de “referencial” (cf. ib.), alguns substantivos (p.ex., *triângulo*) apresentam traços de contabilidade enquanto outros, não, o que deve dar conta da estranheza de certas combinações sintagmáticas (p.ex., *muito triângulo*). Desse modo, ainda que sinalize para a ausência de uma oposição distribucional sistemática, a autora manteve a hipótese de que os substantivos apresentem marcas de contabilidade em PB.

Em um artigo no âmbito do projeto *Gramática do Português Falado*, Camacho & Pezatti (1996) investigaram a natureza da propriedade [\pm contável] mediante as possibilidades de combinação dos substantivos do PB com determinantes e quantificadores em SNs referenciais e não-referenciais. Em termos gerais, esses autores adotaram o modelo de Quirk et al. (1985) e transferiram-no ao PB. Seu artigo apontou certas semelhanças do PB com as chamadas línguas classificadoras, por utilizar substantivos secundários para expor idéias de dimensão (indivisão, conjunto ou massa) junto a substantivos não-contáveis em sintagmas do tipo *um fio de cabelo*. Entretanto, embora tivessem levantado diversos fatores que, se fossem levados a sério, sugeririam diferenças entre o PB e as outras línguas indo-européias, Camacho & Pezatti também mantiveram a distinção entre substantivos contáveis e não-contáveis.

Blühndorn & Favaretto (2000) retomaram a discussão, argumentando a favor da inexistência de substantivos contáveis no PB. Usando como evidência a distribuição dos totalizadores nominais² *cada* e *todo* e dos quantificadores de contagem e de medição, os

² O termo *totalizador nominal* é usado, de acordo com Vater (1984: 30; 1986: 25 nota 19), para elementos que fazem referência à “totalidade de um conjunto ou de uma quantidade” (Blühndorn & Nomura 1999: 186), como *todo*, *tudo*, *cada*, *ambos* etc. No presente artigo, os totalizadores são tratados como subclasse dos quantificadores.

autores chegaram à conclusão de que o PB possui apenas substantivos não-contáveis e neutros em relação à contabilidade. Substantivos não-contáveis combinam-se com o totalizador *todo* e com quantificadores de medição, mas não com quantificadores de contagem nem com o totalizador distributivo *cada*. Substantivos neutros são combináveis com qualquer totalizador e quantificador. Assim, para esses autores, o PB não possui substantivos contáveis. O traço [+contável] só existe em nível do SN, como contribuição semântica do morfema de plural ou de um quantificador distributivo ou de contagem.

Em artigo acerca de construções genéricas do português brasileiro, Müller (2002) também propõe que não haja substantivos contáveis nesta língua. Para ela, a denotação básica dos substantivos comuns em PB é de massa. A autora centra sua argumentação no comportamento dos genéricos singulares de tipo *bare*, como em *Lagartixa sempre perde seu rabo* e *Jorge sempre lê revista depois do jantar*. Segundo a autora, além de não terem marcas de número, tais nominais comportam-se como denotações não-discretas. Müller sustenta que, no primeiro exemplo, o possessivo anafórico *seu* herda de seu antecedente a ausência de marcas de número. No segundo, além de não haver marca de número, fica evidente que Jorge poderá ler qualquer quantidade do material de leitura *revista*; pode ser o caso de que ele leia duas revistas ou até mesmo apenas algumas páginas de uma revista. Além disso, Müller demonstra que os singulares *bare* não oferecem contextos adequados para elementos que exigem individuação, como o emprego de recíprocos – **Brasileiro detesta um ao outro* – ou de quantificadores distributivos – **Cada aluno leu livro*. Para Müller, será necessária a presença de um operador de singularidade ou de pluralidade para que o SN tenha a propriedade de atomicidade necessária a uma interpretação como contável.

Neves, em sua *Gramática de Usos do Português* (2000: 82ss.), aborda a contabilidade em nível do SN, porém como uma questão da “referenciação”, i.e., em última instância, como questão pragmática. Ela mantém a distinção entre substantivos contáveis e não-contáveis como propriedade lexical, mas descreve, com numerosos exemplos autênticos, como as combinações de substantivos com determinantes, quantificadores e morfemas de número podem levar à “flutuação” entre as duas categorias.

Em relação à língua alemã, a contabilidade tem sido discutida de maneira semelhante às abordagens sobre o inglês (cf. Behrens, 1995: 61s.). Vater (1963=1979:

48ss.) tratou do assunto dentro da sua análise estruturalista da distribuição de determinantes e quantificadores. Ele usou o traço semântico [\pm individuação] (em alemão, *Gliederung in Einheiten*; ib.: 50) para distinguir entre substantivos contáveis e não-contáveis. Uma boa revisão da bibliografia existente foi feita por Eschenbach (1995), como ponto de partida para uma nova proposta dentro de uma abordagem cognitivista. No léxico, essa autora mantém a distinção entre substantivos contáveis e não-contáveis. As entradas lexicais dos não-contáveis contêm apenas os predicados denotados, enquanto as entradas dos contáveis contêm especificações de unidades de contagem como segundo componente semântico (cf. ib.: 155ss.). Na morfossintaxe e na semântica composicional, os determinantes, quantificadores e números operam sobre os substantivos. A autora reconhece três números para a língua alemã:

- (i) o singular de massa,
- (ii) o singular de contagem e
- (iii) o plural.

O singular de massa, como forma semanticamente neutra, não acrescenta nenhum traço ao significado do substantivo; o singular de contagem, expresso pelo artigo indefinido *ein* [um] e por outros quantificadores de contagem, acrescenta o traço [$+$ individuação]; o plural acrescenta o traço [$+$ estrutura interna] (cf. ib.: 147ss.). O singular de massa só se aplica a substantivos não-contáveis, enquanto o singular de contagem e o plural podem ser usados com substantivos de ambas as classes (cf. ib.: 149). Com esse modelo, a autora dá conta da maioria dos usos dos substantivos da língua alemã, inclusive dos empregos dos não-contáveis como contáveis. Para o emprego dos contáveis como não-contáveis, ela segue Link (1983: 312) e estipula um operador semântico *m*, que desativa a especificação da unidade de contagem na entrada lexical do substantivo (cf. ib.: 150ss.).

Um operador semântico que não corresponde a nenhuma marca formal na superfície da língua é uma espécie de *deus ex machina*. A abordagem de Behrens (1994, 1995; Behrens & Sasse, 1999) tenta evitar essa armadilha metodológica mediante uma reconstrução histórica da teoria da contabilidade. A autora explica os problemas teóricos e empíricos relacionados à contabilidade como consequência de procedimentos analíticos não-questionados. A lingüística do século XX transferiu, de maneira pouco crítica, a categoria de contabilidade, oriunda da descrição da língua inglesa, para outros idiomas. Seu caráter universal foi tacitamente pressuposto, mas nunca foi comprovado.

Fundamentada em dados empíricos de diversas línguas, entre elas a inglesa, a alemã, a húngara e a árabe, a autora mostra que a oposição contável vs. não-contável da língua inglesa está sistematicamente ligada a outras dimensões de variação de sentido: à função proposicional (tópico vs. atributo vs. predicado), função discursiva (referente vs. não-referente), individuação (objeto vs. qualidade), concretude espaço-temporal (*token* vs. *type*), taxonomia (classe vs. unidade) e forma (figura vs. substância) (1995: 57ss.; Behrens & Sasse, 1999: 15ss.). Em diferentes línguas, esses “ingredientes” (Behrens, 1995: 106) se agregam de maneiras variadas, para dar origem a oposições sintático-semânticas bastante distintas.

Com base nesses raciocínios, a autora mantém, em relação à língua inglesa, a oposição contável vs. não-contável como categoria descritiva. Já em relação à língua húngara, ela afirma que essa oposição tem pouca utilidade, porque o húngaro não distingue sistematicamente entre objetos individuados e não-individuados e não possui efeitos formais ligados a essa distinção (cf. Behrens, 1995: 106). No árabe, parece existir uma distinção entre substantivos particulares e genéricos, que se assemelha, de certa forma, à distinção entre contáveis e não-contáveis do inglês, mas que não pode ser identificada com ela em termos formais e funcionais (cf. Behrens & Sasse, 1999: 88, 147ss.). Em relação à língua alemã, as conseqüências operacionais dessa abordagem não se tornam completamente claras. Por um lado, a autora verifica semelhanças formais e funcionais entre o alemão e o inglês, que sugerem que a oposição contável vs. não-contável possa se justificar como categoria descritiva também para o alemão; por outro lado, ela observa algumas características da língua alemã, antes de mais nada morfológicas, que tornam a oposição menos prototípica do que no inglês.

Em um trabalho posterior, desenvolvido no grupo de pesquisa de Sasse e Behrens, Kolmer (1999) analisa a oposição entre contáveis e não-contáveis no dialeto bávaro. Ela chega à conclusão de que, nesse dialeto, a contabilidade não é uma propriedade do substantivo, mas sim, exclusivamente do SN, realizada mediante as formas morfológicas de plural e a distribuição dos quantificadores e determinantes.

2. Tipologia de sintagmas nominais

Neste artigo, pesquisaremos a oposição contável vs. não-contável no português brasileiro e, como ponto de comparação, no alemão. Embora o modelo elaborado por Behrens (1995; cf. também Behrens & Sasse 1999 e Kolmer 1999) se ofereça, em princípio, para uma aplicação ao PB, optamos, no âmbito deste artigo, por uma análise menos detalhada. Essa decisão se justifica pela complexidade das relações entre os “ingredientes” sintático-semânticos da contabilidade, apontados por esses autores (cf. Behrens, 1995: 106; Behrens & Sasse, 1999: 4ss.). Para facilitar a presente análise, iremos concentrar nossa atenção em sintagmas nominais de quatro tipos:

- (i) substantivos no singular sem artigo e sem quantificador (*bare*), como no exemplo (1),
 - (ii) substantivos *bare* no plural, como em (2),
 - (iii) substantivos com quantificador distributivo ou de contagem, como em (3), e
 - (iv) substantivos com quantificador cumulativo ou de medição, como em (4).
- (1) Ela tomou **vinho**.
Sie trank **Wein**.³
- (2) Tem **livros** na mesa.
Es liegen **Bücher** auf dem Tisch.
- (3) Dona Zizi deu uma bala para **cada menino**. / O palácio tem **duas entradas**.
Tante Sissi gab **jedem Jungen** ein Bonbon. / Der Palast hat **zwei Eingänge**.
- (4) O que mais falta é uma educação digna para **todo menino**. / Sobrou **um pouco de café**.
Was am dringendsten fehlt, ist eine angemessene Schulbildung für **alle Kinder**. /
Es ist noch **etwas Kaffee** da.

Como se percebe, não se encontram SNs definidos nesta lista, já que eles, contrariamente à opinião de numerosos autores, não se prestam para pesquisar a contabilidade. Para entender melhor essa afirmação, observaremos duas oposições importantes (cf. Behrens & Sasse, 1999: 4ss.):

³ As sentenças em alemão são traduções das sentenças em português que exemplificam, ao mesmo tempo, os fenômenos lingüísticos correspondentes na outra língua.

- (i) SNs definidos vs. indefinidos,
- (ii) SNs referenciais vs. não-referenciais.

A distinção (i) é puramente formal:

- (5) **O gato** entrou na cozinha.
Der Kater kam in die Küche.
- (6) **Um gato** entrou na cozinha.
Ein Kater kam in die Küche.

O gato, no exemplo (5), é um SN definido, *um gato*, em (6), é indefinido. Ambos os sintagmas, nestes exemplos, são referenciais, i.e. fazem referência a um segmento específico do mundo. SNs referenciais definidos contêm um elemento definido, i.e., um artigo definido, um demonstrativo ou um possessivo. Eles indicam que o falante crê que o objeto referenciado possa ser identificado pelo interlocutor no contexto da enunciação. SNs referenciais indefinidos não contêm elementos definidos. Eles indicam que o falante crê que o objeto referenciado não seja identificável para o interlocutor. Portanto, servem para introduzir novos referentes no discurso (cf. Hawkins, 1978).

Os segmentos do mundo a que se referem os falantes são caracterizados mediante descrições de suas propriedades. Tais propriedades organizam-se em conjuntos, para constituir categorias, i.e., classes de objetos que se assemelham entre si (cf. Wierzbicka, 1985). A categoria chamada de *gato*, p.ex., é caracterizada por uma determinada aparência física (forma, cor, tamanho, peso, etc.), por determinados eventos em que seus membros tipicamente participam (caçar ratos, brincar com fio de tricô, ser acariciado, etc.), além de outras propriedades. Da mesma maneira, a categoria chamada de *água* é caracterizada por propriedades físicas (líquido, transparente, peso específico de um quilograma por litro, etc.), por situações e estados de coisas em que água tipicamente participa (ser bebido, servir como ambiente para nadar, congelar com temperaturas abaixo de zero, etc.) e também por outras propriedades.

Entre as características que definem a categoria GATO, encontra-se a propriedade de ser delimitado no espaço, i.e., todo gato possui limites externos que constituem sua forma típica e que dividem indubitavelmente o gato do seu ambiente não-gato. Essa mesma propriedade não faz parte da definição da categoria ÁGUA. Água não possui uma forma típica no espaço e nem sempre é nitidamente separada do seu ambiente não-água, p.ex. quando está absorvida em um pedaço de pano. Isso tem conseqüências importantes para discursos sobre gatos e água. Se, em um determinado contexto, o falante se refere a

um gato, é claro que ele se refere a um objeto delimitado no espaço. Mas se ele se refere a água, não fica claro automaticamente qual é a forma desse referente e se ele possui limites no espaço.

Para tornar claro como o interlocutor deve imaginar um referente do tipo água, o falante tem que providenciar mais informações descritivas, p.ex. *uma poça d'água, um copo d'água, uma colher de água* etc. Isso é válido para SNs indefinidos, i.e., sintagmas que introduzem um referente no discurso. Os sintagmas definidos, por sua vez, não precisam necessariamente conter tais informações, pois indicam que o referente já pode ser identificado pelo interlocutor. Ser identificável acarreta a identificabilidade da forma, delimitação, etc. (cf. Camacho & Pezatti, 1996: 168). Por isso, sintagmas referenciais definidos são menos exigentes em relação a sua explicitude. Em vez de *a poça d'água* ou *o copo d'água*, o falante pode simplesmente dizer *a água*, pressupondo que a forma e delimitação do referente se tornem claras para o interlocutor dentro do contexto comunicativo (cf. Behrens, 1995: 43; Kolmer, 1999: 8s.).

Por esse motivo, a contabilidade dos substantivos deve ser estudada em sintagmas indefinidos e não em definidos. Apenas os sintagmas indefinidos estabelecem exigências suficientemente rígidas em relação à explicitude da descrição do referente. Nos definidos, a descrição é facultativa por causa da própria definitude e independentemente da classe do substantivo.

A distinção (ii), entre SNs referenciais e não-referenciais, é de natureza pragmática. Comparem-se os seguintes exemplos:

- (7) **O professor** entrou na sala.
Der Lehrer kam ins Zimmer.
- (8) **Um professor** entrou na sala.
Ein Lehrer kam ins Zimmer.
- (9) Eu sou **o professor**.
Ich bin **der Lehrer**.
- (10) Eu sou **(um) professor**.
Ich bin **(ein) Lehrer**.

O professor e *um professor*, nos exemplos (7) e (8), são sintagmas referenciais. Eles se referem a objetos específicos do mundo extra-lingüístico. Mas os mesmos sintagmas em (9) e (10) possuem leituras não-referenciais. *O professor*, em (9), pode ser interpretado como “aquele que exerce a função de professor no contexto relevante”; *(um) professor*,

em (10), pode ser interpretado como “alguém que exerce a função de professor”. Em ambos os casos, os sintagmas são interpretados predicativa, e não referencialmente, i.e., descrevem funções atribuídas ao referente do sujeito da frase. Como mostra o exemplo (10), os sintagmas nominais não-referenciais são menos exigentes em relação ao uso de quantificadores do que os sintagmas referenciais. Um sintagma nominal que apenas descreve a função de um referente sem fazer, ele mesmo, a referência, não precisa explicitar informação sobre a quantidade e a delimitação do referente (cf. Camacho & Pezatti, 1996: 170ss.). Portanto, a contabilidade dos substantivos deve ser estudada nos sintagmas referenciais e não nos predicativos (cf. Behrens, 1995: 58). Apenas os sintagmas referenciais estabelecem exigências suficientemente rígidas em relação à quantificação. Nos predicativos, a quantificação é facultativa ou até impossível.

De acordo com esses argumentos, efetuiremos a nossa análise a partir de SNs referenciais indefinidos.⁴ Em princípio, as generalizações encontradas serão válidas também para sintagmas referenciais definidos e não-referenciais, levando em consideração a sua maior tolerância para a não-indicação formal da contabilidade ou não-contabilidade.

3. A contabilidade no português brasileiro

3.1 Quantificadores e número

Um dos pontos centrais dos trabalhos de Behrens é a observação de que a oposição contável vs. não-contável não é uma propriedade sintático-semântica universal. Em algumas línguas, como na inglesa, ela é abertamente gramaticalizada, enquanto em outras, ela pode estar escondida em outras oposições ou até ser irrelevante. Os trabalhos anteriores sobre a contabilidade no PB (Simões, 1992; Camacho & Pezatti, 1996; Blühdorn & Favaretto, 2000) sugerem que esta língua não possui uma oposição gramatical exatamente equivalente àquela da língua inglesa. Ao mesmo tempo, temos a intuição de que a contabilidade também não é um conceito totalmente alheio ao PB.

⁴ Esse procedimento distingue-se de boa parte da bibliografia sobre a contabilidade dos substantivos. O artigo clássico de Gillon (1992), por exemplo, analisa amplamente os sintagmas nominais definidos, tratando os indefinidos apenas como apêndice.

Para operacionalizar essa intuição, seguiremos a proposta desenvolvida por Eschenbach (1995: 148) para a língua alemã. A autora distingue entre a contribuição sintático-semântica do quantificador e aquela do morfema de plural. Formalizaremos a primeira pelo traço [\pm individuado] e a segunda, adotando uma proposta terminológica de Langacker (1987: 66; cf. também Frawley, 1992: 83ss.), pelo traço [\pm incrementado].

Os quantificadores do PB são de dois tipos (cf. Camacho & Pezatti, 1996: 173ss.):

- (i) quantificadores distributivos e de contagem e
- (ii) quantificadores neutros.

Os quantificadores do tipo (i) caracterizam-se pelo valor [+individuado] (doravante, [+ind]) e introduzem esse valor ao sintagma nominal. Eles indicam que o referente é concebido sob forma de indivíduo(s). A esse grupo pertencem o distributivo *cada*, os numerais cardinais *um*, *dois*, *três* e os quantificadores de contagem vaga como *vários*, *numerosos*, etc. Os quantificadores do tipo (ii) possuem o valor [-ind]. Eles não indicam nem a individuação do referente nem a sua não-individuação, ou seja, eles representam o pólo neutro (i.e., não-marcado; cf. Lyons, 1977: 305ss.) da oposição, a ausência de um valor de individuação. A esse grupo pertencem os cumulativos como *todo* e os quantificadores de medição como *bastante*, *muito*, *pouco*, *tanto*, etc.

O valor [+ind] é um componente fixo das entradas lexicais dos quantificadores distributivos e de contagem, enquanto os quantificadores neutros não possuem esse valor semântico. Com o traço [\pm ind], os quantificadores contribuem para o sentido geral do sintagma nominal. Um quantificador do tipo (i) introduz ao SN o valor [+ind], enquanto um quantificador do tipo (ii) deixa a questão da individuação em aberto:

- (11) Era uma vez um rato que comeu **um gato**.

[<http://www16.brinkster.com/tijolao/seis/ana.htm> – 10.04.2003]

- (12) O problema é o uso doméstico dessa substância: ela tem o poder de espantar muita barata, mas em contrapartida atrai **muito gato** para dentro de casa.

[<http://www.zaz.com.br/istoe/semana/156110b.htm> – 10.04.2003]

No exemplo (11), o numeral (artigo indefinido) *um* faz com que o substantivo *gato* receba uma leitura de indivíduo. No exemplo (12), o quantificador de medição *muito* é menos decisivo com relação a isso. Nada impede que se conceba o referente como um conjunto de indivíduos, mas *muito gato* também pode ser entendido como neutro em relação à individuação ou até como expressão de massa. Como se percebe, os

quantificadores determinam (ou deixam de determinar) a leitura dos substantivos, e não vice-versa.

O traço [\pm incrementado] (doravante, [\pm incr]) pertence ao número. Distinguimos entre:

- (i) plural e
- (ii) singular.

O plural possui o valor [+incr] e introduz esse valor ao sintagma nominal. Ele indica que o referente é concebido como incrementado, i.e., como um conjunto de indivíduos semelhantes, no qual os indivíduos têm relevância como componentes do todo, mas não necessariamente cada um por si só (cf. Frawley, 1992: 84ss.). O singular é a forma neutra, não-marcada. Ele possui o valor [-incr], i.e., não indica que o referente vem incrementado e nem que vem não-incrementado.⁵ Os SNs no singular podem ser usados para fazer referência a indivíduos, como *um gato* em (11), ou a conjuntos de indivíduos, como *uma família* em (13):

- (13) Conheço **uma família** de imigrantes da Hungria em que cinco das seis irmãs tiveram câncer de mama.

[<http://www.drauziovarella.com.br/entrevistas/mama16.asp> – 15.04.2003]

Os valores [+incr] e [-incr] são componentes fixos dos significados dos números. O plural introduz ao SN o valor [+incr], enquanto o singular não introduz nenhum valor semântico.

Alguns substantivos são usados com preferência no plural e apenas raramente no singular (em termos tradicionais, os *pluralia tantum*), p.ex., *afazeres*, *núpcias*, *pêsames* ou *hemorróidas* (cf. Camacho & Pezatti, 1996: 166; Neves, 2000: 167s.). Esses substantivos possuem o valor [+incr] como componente fixo da sua entrada lexical. Em geral, eles denotam agregações de indivíduos, partes ou componentes, semelhantes entre si, em que nenhuma parte se torna saliente (*afazeres*: um conjunto de tarefas, *núpcias*: um conjunto de ritos ou atos, *pêsames*: um conjunto de sentimentos ou de expressões de sentimentos, *hemorróidas*: um conjunto de dilatações venosas) (cf. Frawley, 1992: 86ss.). Nota-se, porém, que mesmo os mais notórios *pluralia tantum* ocorrem também no singular, ora sem diferença de sentido, ora com alterações de sentido bastante sutis:

⁵ Müller (2002: 297s.) postula para o PB a existência de um operador semântico de singular. Como o singular não é formalmente marcado no PB, essa sugestão não nos convence. Para evitar uma inflação incontrolável de operadores, partimos do princípio de que todo valor semântico deve ser atrelado a algum componente formal. Conseqüentemente, onde não há marca formal, não deve haver valor semântico.

- (14) Peixe fresquinho adquirido de pescador foi a pedida para o almoço, acompanhado de arroz e farinha e a champagne, é claro! Entre **um afazer** e outro, banhos de mar e rio.
[<http://www.faquini.com.br/viagens/rotcach/rotcach.htm> – 21.11.2005]
- (15) Não serei mais capaz de pedir o reconforto de uma surra. Não me creio levado a **uma núpcia** com Jesus Cristo de sogro.
[<http://geocities.yahoo.com.br/edterranova/rimbaudhell2.htm> – 21.11.2005]
- (16) E se não sabia o que era Mahjongg até ler isso, faz-me cada vez mais sentir **um pêsame** fulminante. [www.supaiko.weblogger.terra.com.br/ 200408_supaiko_arquivo.htm – 21.11.2005]
- (17) Meu caso é bem parecido, estou com **uma hemorróida** bem pequenina interna e um plicoma externo bem junto a ela.
[<http://www.saudevidaonline.com.br/corre07m.htm> – 21.11.2005]

Na medida em que as formas de plural não estão de fato em oposição semântica com as formas de singular, o valor [+incr] fica enfraquecido nesses substantivos.

Também há substantivos que se usam com preferência no singular, como *gente*, *gado*, *fôlego*, *ceticismo*, etc., mas todos ocorrem, ocasionalmente, também no plural, com sentido distinto:

- (18) Numa das praças de Franca há vários jacarandás mimosos com flores mais azuis do que o azul do céu, reinando sobre as terras altas de um imperador que sobrevive apenas na memória **das gentes**. Não de todas, mas de **algumas gentes** que têm no peito saudades do minueto dançado pelos reis e rainhas (...).
[Sérgio Roxo da Fonseca, *Sagração da Primavera*; <http://sites.netsite.com.br/arl/srf/srf.htm> – 15.04.2003]
- (19) A peste havia chegado à região e **vários gados** já haviam morrido.
[<http://www.balneariogaiavota.com.br/meiorural.htm> – 15.04.2003]
- (20) O *pajé* não pode ser qualquer elemento da tribo: é preciso ser forte de coração e ter mais de **cinco fôlegos** para poder curar as doenças.
[http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/dic_p.htm – 15.04.2003]
- (21) São modalidades da consciência que podem desdobrar-se da consciência ingênua, resignada ou fatalista à consciência crítica, de negatividade radical; sem esquecer que se desenvolvem **ceticismos** e **nilismos**, assim como **misticismos** e **fundamentalismos**. [<http://zonanon.com/ideias/oi021211.htm> – 15.04.2003]

Também os infinitivos substantivados de numerosos verbos são usados com preferência no singular:

- (22) É **um chorar** gostoso, **um chorar** diferente. Você chorava de tristeza e eu choro de contente.

[http://www.doop.com.br/mensagens/ver_mensagem.php?mensagens=84 – 16.04.2003]

Nos verbos regulares, a forma de plural do infinitivo, p.ex., *chorares*, é, ao mesmo tempo, a forma verbal da segunda pessoa do singular do subjuntivo do futuro (*Se rires – rio, se chorares – choro.*) e, ainda, a forma da segunda pessoa do singular do infinitivo pessoal (*Que tens tu, pastorinha, para chorares tanto?*). Talvez esse fato contribua para que seu uso como plural se torne menos provável. No entanto, com vários verbos, o uso do plural do infinitivo é corriqueiro:

- (23) **Dois olhares** sobre um texto.

[<http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/04/11/cad021.html> – 15.04.2003]

Em todos os casos, o morfema de plural acrescenta o traço semântico [+incr] ao conceito denotado pelo substantivo. Concluímos, portanto, que o PB não possui *singularia* ou *pluralia tantum* propriamente ditos. Em princípio, o morfema de plural pode ser acrescido a qualquer substantivo no singular e ser tirado de qualquer substantivo no plural.

Os exemplos (19), (20) e (23) mostram que os traços [+ind] e [+incr] se combinam com facilidade no mesmo sintagma nominal. Sua combinação resulta na leitura de um conjunto de indivíduos, dos quais cada um mantém sua individualidade. No entanto, não há nenhuma dependência distribucional entre os dois traços. As quatro combinações de valores matematicamente possíveis são admitidas como sintagmas nominais referenciais:

- (24) Ele tem **carro** e você não. [–ind], [–incr]

- (25) Muitos chineses têm **pássaros** em casa. [–ind], [+incr]

- (26) **Cada macaco** vem com óculos escuros grátis. [+ind], [–incr]

- (27) O garçom prontamente trouxe **duas cervejas**. [+ind], [+incr]

O singular *bare* do substantivo, como em (24), pode ser usado para fazer referência sem caracterizar o referente quanto à individuação e incrementação. Trata-se de uma forma de referência bastante neutra, que pode ser usada quando o falante não

dispõe de informações mais detalhadas ou não deseja transmitir tais informações. Sintagmas como *muito carro*, que contêm um quantificador de medição e um substantivo no singular, também têm a mesma combinação de valores:

(28) Tem **muito carro** andando nas ruas de São Paulo.

O plural *bare*, como em (25), caracteriza o referente como incrementado, mas não salienta os indivíduos contidos no conjunto referenciado.⁶ O mesmo ocorre em sintagmas no plural com um quantificador neutro, como em:

(29) Você poderá ver **bastante pássaros** e você poderá contar que existe outro lugar na Amazônia que tem **bastante camaleões**. [<http://www.amazonriver.com/P-Jari.htm> – 15.04.2003]

O singular acompanhado por um quantificador distributivo ou de contagem, como em (26), apresenta o referente como indivíduo isolado, não inserido em um conjunto, enquanto o plural acompanhado por um quantificador do mesmo tipo, como em (27), faz com que os indivíduos se insiram em um conjunto, mas sem que deixem de ser concebidos como indivíduos.

Os quantificadores neutros do PB, *todo*, *muito*, *tanto* e até mesmo *bastante*, são compatíveis com ambos os números:

(30) O modelo virou moda e atrai **bastante gente**.

[<http://www.widebiz.com.br/gente/nepomuceno/ochatcabeca.html> – 16.04.2003]

(31) Um cão pequeno come **bastantes vezes** e, portanto, terá necessidade de se aliviar mais vezes. [<http://www.banimais.hpg.ig.com.br/treinamento.html> – 16.04.2003]⁷

O plural acrescenta a esses quantificadores o valor [+incr]. Embora, em relação à individuação, eles permaneçam neutros, a presença do plural exige a interpretação do referente como um conjunto de componentes da mesma categoria:

(32) Tem **muito homem** que tem o pênis no tamanho “dito normal” e não sabe direito o que fazer com ele na hora do sexo.

[<http://fmodia.ig.com.br/sexo/penis.html> – 16.04.2003]

⁶ Segundo Müller (2002: 295), o plural *bare* do PB denota *molecular entities*.

⁷ A gramática normativa exige, em princípio, que *bastante* no sentido de “muitos” não deva ser usado na forma de plural. Apenas no sentido de “suficientes”, a forma de plural é aceita (cf. Martins, 1997: 52). No entanto, essa regra não corresponde à realidade da língua portuguesa. O comportamento de *bastante* em relação aos números adapta-se cada vez mais ao comportamento dos demais quantificadores neutros (cf. Mateus et al., 1983: 261).

- (33) **Muitos homens** são talentosos, dinâmicos, sociáveis e se sentem bem fazendo um monte de coisas: esportes, cursos, jogos, leituras.

[<http://www.experta.com.br/eles/desvendando-5.html> – 16.04.2003]

No exemplo (32), a forma neutra do singular sugere uma interpretação do referente que não considera indivíduos. Trata-se de uma generalização sobre um referente não-caracterizado em relação a individuação e quantidade. O plural em (33), por sua vez, indica incrementação e, com isso, direciona mais a atenção para os indivíduos. No entanto, para entender essa sentença, ainda não é preciso imaginar cada um dos referentes individualmente. Basta entender que, em princípio, seria possível caracterizá-los mais de perto, mas que isso não é relevante no atual contexto. Apenas um quantificador com o valor [+ind], como *cada*, exige que o predicado da sentença seja necessariamente atribuído a referentes individuais, como em:

- (34) Existem, na Bahia, 92 homens para cada 100 mulheres, ou seja, um pouco mais de uma mulher para **cada homem**.

[<http://ibahia.globo.com/baiana/comport/artigos/0104censo.asp> – 17.04.2003]

É interessante notar que nem sempre o substantivo concorda com o número plural do quantificador⁸:

- (35) **Muitos homem** empalidecem quando ouvem o trovão ressoando; as lágrimas enchem seus olhos, e eles clamam “Ó Deus, eu pequei!”

[<http://www.geocities.com/zoenio/Confissao.htm> – 16.04.2003]

A interpretação de *muitos homem* em (35) é mais semelhante à interpretação de *muitos homens* em (33) do que àquela de *muito homem* em (32), o que, inclusive, se manifesta na concordância de número no verbo. Essa observação corrobora a hipótese de que os quantificadores e o número operam sobre o substantivo e determinam sua leitura, e não vice-versa.

Um quantificador ambíguo em PB é *algum*, etimologicamente ligado ao quantificador de contagem *um*, mas com a mesma distribuição formal que o quantificador de medição *muito*:

- (36) É importante manter **alguma água** não só para consumo pessoal, mas também para alguma eventualidade. [<http://www.myskipper.com/loja/familia.asp?f=9> – 16.04.2003]

- (37) Conte-me **alguma história** de **algum gato** que tenha te dado inspiração para **algum quadro** específico. [<http://www.planeta.gato.nom.br/entrevistavicky.htm> – 16.04.2003]
- (38) Antes ainda rolam mais **alguns sopapos**, voam mais **alguns sapatos** e surgem impropérios capazes de corar torcida organizada.
[http://www.trampolim.art.br/colunas.asp?cod_mat=105&cod_col=5 – 16.04.2003]

O referente de *alguma água*, em (36), é entendido como uma massa não-individuada e não-incrementada, como também em *muita água* e *pouca água*. Os referentes de *alguns sopapos* e *alguns sapatos*, em (38), são entendidos como conjuntos incrementados, analogamente a *muitos homens*, em (33). No entanto, os referentes de *alguma história*, *algum gato* e *algum quadro*, em (37), não são interpretados como massas, paralelamente a *muito homem*, em (32). Os referentes em (37) são nitidamente indivíduos. Isso sugere classificar *algum* como um quantificador intermediário entre os tipos (i) e (ii). Ele não impõe necessariamente uma leitura de indivíduos, mas favorece tal leitura em casos como (37). Voltaremos a esse assunto no final do próximo item.

3.2 Os substantivos

Os substantivos do PB têm grande liberdade para combinar-se com os números e com quantificadores de ambas as classes. Alguns substantivos são usados preferencialmente no singular ou no plural, embora possam ocorrer em qualquer uma dessas duas formas. O mesmo é válido em relação a combinações com quantificadores de contagem e neutros. Como observamos no item anterior, os quantificadores e os números determinam, em cada caso individual, a leitura do substantivo como individuativo, incrementado ou neutro (cf. também Camacho & Pezatti, 1996: 173). Isso nos leva à conclusão de que os substantivos do PB, de fato, não possuem nenhum traço semântico lexical de contabilidade. Por si só, eles não exigem nenhuma das leituras

⁸ Evidentemente, as gramáticas normativas não aceitam sentenças como (35), mas na realidade da língua, elas ocorrem com bastante frequência (cf. Scherre, 1996). Autores como Farrell (1998) e Müller (2002: 298) observaram que o plural nem sempre é abertamente marcado nos substantivos do PB.

possíveis, nem individuativa nem de massa. Eles se adaptam ao contexto em que são usados, particularmente ao número e aos quantificadores que operam sobre eles.⁹

Verifiquemos mais uma vez o funcionamento dessa adaptação com exemplos concretos:

- (39) Acham-se os pontos centrais das 3 linhas que formam **cada triângulo** e criam-se 4 novos triângulos.

[<http://www.ineti.pt/proj/fractal/montanha3D.html> – 15.04.2003]

- (40) Itaúnas é fiel ao seu forró – com **muito triângulo**, sanfona e zabumba.

[<http://viagemeturismo.abril.com.br/pacotes/> – 15.04.2003]

- (41) A novela conta com **muitos triângulos** e quadriláteros amorosos.

[<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/qtv0702200193.htm> – 17.04.2003]

No exemplo (39), o quantificador distributivo *cada* introduz ao sintagma nominal o valor [+ind]. Isso faz com que os referentes do objeto direto do verbo *formar* sejam entendidos e imaginados nitidamente como indivíduos, nesse caso, como figuras geométricas. Ao contrário disso, no exemplo (40), o quantificador de medição *muito* faz com que o referente descrito pelo mesmo substantivo se mantenha neutro quanto à individuação. O referente, nesse caso, é uma parte da música que se desenvolve simultaneamente com as partes da sanfona e da zabumba. Embora o triângulo como instrumento musical seja um indivíduo, o referente do sintagma *muito triângulo* não é necessariamente concebido assim. O quantificador *muito* também é compatível com uma interpretação continuativa do substantivo *triângulo* no sentido de “ação de triângulo”, “participação de triângulo”. No exemplo (41), a presença do plural muda novamente o quadro. O valor [+incr] leva à interpretação de um conjunto de partes semelhantes. Do ponto de vista da novela como um todo, não é necessariamente relevante saber o número exato de triângulos e quadriláteros amorosos envolvidos, e para entender a sentença, também não é preciso imaginar algum deles individualmente. Mas é preciso entender que a novela é caracterizada por um conjunto de componentes que, em princípio, podem ser todos descritos como indivíduos.

⁹ Discordamos, portanto, também da hipótese de Müller (2002: 295s.) de que a denotação básica dos substantivos do PB seria de massa. Uma língua que não marca seus substantivos por contabilidade não possui substantivos contáveis e nem de massa, mas sim, apenas substantivos não-marcados, neutros em relação à contabilidade.

Já percebemos que os quantificadores neutros se combinam com facilidade com todos os substantivos do PB e, inclusive, com ambos os números. Os quantificadores distributivos e de contagem, nesse respeito, são caracterizados por algumas restrições. Via de regra, eles não são variáveis em termos de número. Assim, *cada* não possui forma de plural, enquanto *ambos*, *vários*, *numerosos* e os numerais cardinais não possuem formas de singular (cf. Blühndorn & Nomura, 1999: 189ss.). A forma *uns* é muito mais um artigo indefinido do plural do que o plural legítimo do numeral cardinal *um* (cf. Mateus et al., 1983: 257). A seguir, observaremos um pouco mais de perto como se constroem as leituras individuadas do sintagma nominal.

Com substantivos que denotam objetos representados como indivíduos em nosso conhecimento conceitual, o emprego de quantificadores de contagem não causa dificuldades. Em (42), é evidente que o falante se refere a três cachorros e dois gatos como indivíduos:

- (42) Eu tenho **três cachorros e dois gatos**.

[<http://olinux.uol.com.br/artigos/314/1.html> – 17.04.2003]

Com substantivos que denotam substâncias ou outros objetos não representados como indivíduos no conhecimento padrão, é preciso construir a individuação de outra maneira. Para tanto, existem quatro estratégias de leitura, que podem ser ilustradas pelos seguintes exemplos:

- (43) Colocamos **dois ferros** para segurar nosso pequeno veleiro, que velejou a noite inteira com os ventos que desciam da montanha com uma velocidade surpreendente. [<http://www.veleirojornal.com.br/caribe.htm> – 16.04.2003]

- (44) A turma levou **um ferro** na primeira prova, mais pela intransigência do professor do que pelo nível da turma. [<http://doisve.blogspot.com/> – 17.04.2003]

- (45) A raça Aberdeen Angus tem origem em **vários gados** locais da Escócia.
[<http://sites.uol.com.br/francaj/pecuaria/AberdeenAngus.html> – 17.04.2003]

- (46) O plantel de gado bovino é uma grande potencialidade do Mercosul. No Paraguai, por exemplo, o plantel não é muito grande, mas temos mais ou menos 10 milhões de cabeças de gado, isto é, **dois gados** por habitante.
[<http://www.al.rs.gov.br/Comissoes50/Permanentes/Capc/1999/991210t.htm> – 17.04.2003]

No exemplo (43), o sintagma *dois ferros* é usado para referir-se a dois objetos feitos de ferro, provavelmente barras ou âncoras. O nome do material substitui o nome

do indivíduo (cf. Behrens & Sasse, 1999: 63). Esse é um emprego metonímico da palavra (cf. Lakoff & Johnson, 1980: 35ss.). Outra variante de metonímia é a menção de uma qualidade no lugar do seu portador, como *uma beleza* para fazer referência a uma mulher (cf. Behrens, 1995: 52). Materiais e qualidades não são compatíveis com o traço [+ind], mas os objetos feitos desses materiais e os portadores das qualidades o são. O exemplo (44) também envolve processos metonímicos. Mas antes, a leitura de *um ferro* no sentido de “aborrecimento, amolação” (Aurélio, 1999: 895) deve-se a uma leitura metafórica (cf. Lakoff & Johnson, 1980). Metáforas possibilitam a menção de um material no lugar de um indivíduo que não é, de fato, feito desse material. O mesmo ocorre quando uma pessoa chorona é chamada de manteiga.

Outra estratégia, exemplificada pela sentença (45), é a leitura genérica (cf. Krifka et al., 1995; Blühdorn, 2001). Nesse exemplo, os referentes do sintagma *vários gados* devem ser várias raças de gado ou, em termos mais abstratos, subtipos ou subgêneros de gado (cf. Behrens, 1995: 66ss.). A leitura genérica não toma indivíduos como referentes, mas espécies, categorias. Porém, de acordo com Carlson (1980), espécies comportam-se como indivíduos, sendo, portanto, compatíveis com o traço [+ind] (cf. Blühdorn, 2001: 6ss.).

A quarta estratégia, ilustrada por *dois gados*, no exemplo (46), é a leitura métrica. Nesse caso, o substantivo *gado* não deve ser lido no sentido de “raça de gado”, mas sim, de “cabeça de gado”, i.e., como unidade padrão de medição. O mesmo ocorre quando se pedem dois cafés em vez de duas xícaras de café ou duas cervejas em vez de duas garrafas de cerveja. A unidade de medição que se entende em cada caso é determinada por um padrão natural, convencional ou formado *ad hoc*, relevante para a situação em questão, i.e., essa unidade pode ou não variar de um caso para o outro. Mas independentemente da unidade escolhida, essa torna o substantivo conceitualmente compatível com o traço [+ind].

Além das quatro estratégias mencionadas, alguns autores reconhecem, como outro tipo, a leitura de *instância*. Um exemplo é usar o sintagma *uma dificuldade* para referir-se a um caso difícil ou uma situação difícil (cf. Quirk et al., 1985: 1564; Behrens, 1995: 48). No entanto, leituras de instância costumam ocorrer com substantivos abstratos, derivados de adjetivos ou verbos. Em geral, esses substantivos denotam qualidades que se mencionam no lugar dos seus portadores. Portanto, as leituras de instância são um tipo de leitura metonímica.

Quirk et al. (1985: 249) observaram que as leituras métricas e genéricas de SNs formados com quantificadores de contagem e substantivos que não denotam tipicamente indivíduos são paralelas a dois tipos de construções partitivas, chamadas por eles de *quantity partition* e *quality partition*, respectivamente: *uma cabeça de gado* (partitivo métrico – *quantity partition*) vs. *uma raça de gado* (partitivo genérico – *quality partition*). É interessante observar que existem também construções partitivas metonímicas, p.ex., *uma bola de couro*, *uma situação de angústia*, e metafóricas, p.ex., *um homem de palha* ou *uma mulher de manteiga*¹⁰. Partitivos genéricos e leituras genéricas de sintagmas nominais ocorrem com facilidade com qualquer substantivo: *um tipo de jornal*, *uma espécie de silêncio*, *um gênero de discurso*, *uma raça de cão*, *uma classe de evento*, etc. Partitivos e leituras métricas são freqüentes com substantivos que denotam substâncias e outros objetos não-individuados: *uma porção de bobagem*, *um bocado de gente*, *uma pitada de masoquismo*, *um barril de petróleo*, etc. Mais raramente, elas ocorrem com o singular de substantivos que tipicamente denotam indivíduos, como *um monte de carro*, *uma pilha de livro* ou *uma caixa de maçã*. Já com o plural desses substantivos, os partitivos e as leituras métricas são plenamente normais: *uma porção de velhas*, *um bocado de problemas*, *uma pitada de cominhos*. O plural torna os referentes desses substantivos mais adequados para serem medidos.

Os partitivos e as leituras metonímicas e metafóricas não poderão ser abordadas com mais detalhe neste artigo (cf. Lakoff & Johnson, 1980). Em geral, eles são mais típicos com substantivos que denotam objetos não-individuados, i.e., é mais comum dizer *couro* para referir-se a uma bola do que dizer *bola* para referir-se a couro.

De uma maneira ou de outra, todos os substantivos do PB aceitam leituras de massa, bem como leituras de indivíduo. Além da semântica lexical e das regras gramaticais, o conhecimento conceitual dos falantes entra em jogo, quando se usam e interpretam os sintagmas nominais. Nenhum falante do PB imaginará uma massa ao ouvir o substantivo *gato* ou um indivíduo ao ouvir o substantivo *água*, a não ser que o

¹⁰ “Muito comum também o empresário individual se travestir sob a forma de sociedade, apresentando-se no quadro societário com 98% das cotas, sendo os outros 2% de propriedade de **um homem de palha**.” [http://www.amperj.org.br/port/marcio05body.htm – 16.05.2003] “Parecia ser romântica / Outra mulher que achei / E por mim se derretia... / E muito amor eu lhe dei. / E terminou derretida / Quando a abracei assim... / **Uma mulher de manteiga** / Nunca vai servir pra mim.” [http://www.angelfire.com/de2/diariopoetico/11marco.htm – 15.05.2003]

contexto (lingüístico e/ou situacional) lhe providencie evidências específicas para tal interpretação:

(47) Ontem tivemos três tipos de carne no jantar: lebre, coelho e **gato**.

(48) Me traz um café e **uma água**.

Há, portanto, três fatores principais que determinam a leitura dos substantivos em PB: (i) quantificadores e número, (ii) predicados e outras informações presentes no contexto da oração e (iii) o conhecimento conceitual associado com os possíveis referentes do SN. A influência do conhecimento conceitual torna-se bastante visível em sintagmas nominais com o quantificador cumulativo *todo*:

(49) O conhecimento, como valor universal, é um direito de todos e deve ser utilizado em **toda esfera da vida cotidiana** e não apenas para concorrer a um posto no mercado de trabalho.

[http://www.fatecsp.br/jornal/ed_09/carta.htm – 15.04.2003]

(50) Eduardo de la Serna retoma a origem de **toda esperança cristã**: o martírio, o maior amor, testemunho da vida plena.

[<http://www.itf.org.br/concilium/con283/edit.html> – 15.04.2003]

(51) **Todos professores** que ministram disciplinas no presencial têm a opção de refazer o programa da disciplina.

[http://www.anhembí.br/ei_novo/professores/orientacoes.htm – 18.04.2003]

Todo indica que o predicado atribuído engloba por inteiro o referente do SN. Por isso, alguns autores têm chamado tais quantificadores de totalizadores (cf. Vater, 1984: 30; Blühdorn & Nomura, 1999). *Todo* tem o valor [–ind], ou seja, é neutro em relação à individuação.¹¹ Ele não caracteriza o referente como indivíduo ou contínuo, mas sim, combina-se livremente com substantivos que denotam indivíduos ou contínuos e adapta-se à sua interpretação conceitual. A esfera da vida cotidiana, referenciada em (49), pode ser entendida como um indivíduo. Nesse caso, *toda esfera* indica que esse indivíduo é

¹¹ Na bibliografia encontra-se, por vezes, a afirmação de que *todo* seria um quantificador distributivo (p.ex.: Camacho & Pezatti, 1996: 167, 174). Contudo, seu comportamento sintático-semântico, particularmente em comparação com o quantificador comprovadamente distributivo *cada*, não oferece evidências para confirmar tal hipótese (cf. os dados apresentados no próprio artigo de Camacho & Pezatti, 1996: 174; também Gärtner, 1998: 179s.). Negrão (2002), que também parte do pressuposto de que *todo* seria distributivo, chega à conclusão de que, na verdade, ele pode receber leituras distributivas apenas em condições específicas, enquanto em outros momentos, leituras distributivas se tornam impossíveis (ib.: 202s.). Em outras palavras, *todo* é neutro em relação à distributividade. No modelo de Negrão, isso leva à consequência de tratar *todo* como elemento indefinido. Outra consequência é que *todo*, por não possuir o traço [+distributivo], não pode aterrisar na mesma posição de *cada* em forma lógica, na qual esse traço é checado.

atingido inteiramente pelo predicado. Também é possível entender que a vida cotidiana se divide em várias esferas distintas. Nesse caso, *toda esfera* indica que qualquer uma delas é atingida pelo predicado. Da mesma maneira, a esperança cristã, referenciada em (50), pode ser concebida como um determinado tipo de esperança, a saber a cristã, i.e., como indivíduo (cf. Carlson, 1980), mas também como um princípio que se manifesta nas mais diversas situações, i.e., como contínuo. Dependendo da leitura do substantivo, também o quantificador recebe leituras sutilmente distintas: “a esperança cristã como um todo” ou “qualquer esperança cristã”. O referente de *professores*, em (51), deve ser entendido como um conjunto composto de indivíduos. O quantificador *todo* em conjunto com a forma plural faz com que o predicado seja atribuído cumulativamente a esse conjunto.

É interessante lembrar, neste contexto, que, pela norma gramatical, existe no PB uma distinção entre a forma *todo* sem artigo e *todo o*, com artigo definido, bem como entre *todos* e *todos os* (cf. Gärtner, 1998: 179s.; Blühndorn & Nomura, 1999; Blühndorn & Favaretto, 2000). *Todo* sem artigo opera sobre contínuos e não sobre indivíduos, enquanto a forma definida *todo o* pode operar sobre ambos. Segundo essa distinção, a forma plural *todos* sem artigo, como em (51), não seria correta. A incrementação indicada pelo plural basta para exigir a presença do artigo. A variante correta seria, portanto, *todos os professores*. Contudo, a distinção entre *todo* sem e com artigo está se desfazendo cada vez mais no PB de hoje. Com bastante frequência, encontram-se sintagmas como *todos professores* no lugar de sintagmas como *todos os professores*, e também sintagmas como *em todo o caso* no lugar de sintagmas como *em todo caso* (cf. Bechara, 1999: 197). De fato, a própria ambigüidade dos exemplos (49) e (50) deve-se a essa mudança de uso, já que ela corresponde às oposições de *toda esfera* vs. *toda a esfera*, bem como *toda esperança* vs. *toda a esperança*.

Os exemplos (49) a (51) assemelham-se àqueles com o quantificador *algum*, discutidos no item anterior, nos exemplos (36) a (38). O paralelismo leva-nos a supor que também *algum* já tenha se tornado, no PB atual, um quantificador de medição. Se *todo* tem o traço [-ind] e se adapta à leitura do substantivo influenciada pelo conhecimento conceitual, então podemos supor que *algum* tenha o mesmo traço [-ind], i.e., não exija por si só a leitura individuada, mas se adapte à leitura do substantivo conceitualmente adequada em cada contexto.

3.3 Conclusão

Nossa análise da contabilidade no português brasileiro mostrou que, nesta língua, a oposição contável vs. não-contável não é uma propriedade dos substantivos. Em termos lingüísticos, o PB possui uma oposição gramatical entre dois tipos de quantificadores e outra entre dois números. Mediante essas oposições, uma espécie de equivalente da oposição de contabilidade da língua inglesa pode ser construída em nível do sintagma nominal. Os quantificadores possuem valores fixos de individuação em suas entradas lexicais: o valor neutro [-ind] dos quantificadores cumulativos e de medição e o valor positivo [+ind] dos quantificadores distributivos e de contagem. Os números possuem valores fixos de incrementação: o valor neutro [-incr] do singular e o valor positivo [+incr] do plural. Os substantivos, por sua vez, podem ser usados com grande liberdade em combinação com ambos os números e com quantificadores de ambas as classes. Eles não possuem nenhum traço sintático-semântico que determine sua contabilidade.

Essa conclusão corresponde a dizer que o PB não obriga o falante a marcar todos os referentes no seu discurso como contáveis ou não-contáveis. É “possível descrever o referente como uma entidade neutra, deixando sem resolver se (...) [ele] é individuado ou não” (Camacho & Pezatti, 1996: 159). No artigo de Camacho & Pezatti, essa descrição refere-se às chamadas línguas classificadoras, como o japonês e o chinês mandarim, com o intuito de distingui-las do PB. No entanto, as nossas observações sugerem que ela dá perfeitamente conta da situação em PB. É verdade que a língua portuguesa também não obriga o falante a usar classificadores para marcar o sintagma nominal como contável. Para tanto bastam, nesta língua, os quantificadores distributivos e de contagem, enquanto os quantificadores neutros preservam a neutralidade do substantivo.

O único fator que restringe, no PB, as combinações dos substantivos com os números e quantificadores é o conhecimento conceitual, i.e., exige-se que aquilo que as pessoas dizem esteja de acordo com a realidade reconhecida. Qualquer emprego de substantivos que possua interpretação dentro desses moldes é bem-formado em PB. Consequentemente, as preferências por um determinado número ou por quantificadores de um determinado tipo, que podem ser observadas com alguns substantivos, não são

propriedades lingüísticas desses lexemas, mas sim, conseqüências do conhecimento conceitual dos seus usuários.

4. A contabilidade na língua alemã

4.1 Traços semânticos

Analisaremos agora, como ponto de comparação, a contabilidade na língua alemã. Observamos que, nessa língua, não é suficiente considerar os quantificadores e números para explicar a distribuição da contabilidade e não-contabilidade. No alemão, os substantivos exibem restrições distribucionais em relação aos quantificadores e números, que contribuem para a oposição entre sintagmas nominais contáveis e não-contáveis.

Iniciamos nossa análise novamente com os quantificadores e números. Os quantificadores do alemão são de dois tipos:

- (i) quantificadores distributivos e de contagem e
- (ii) quantificadores neutros.

Os quantificadores do tipo (i) são caracterizados pelo valor [+ind] e introduzem esse valor ao sintagma nominal. Eles indicam que o referente vem sob forma de indivíduo(s). A esse grupo pertencem os quantificadores distributivos como *jeder* [cada], *manche* [alguns], *beide* [ambos] (cf. Blühndorn & Nomura, 1999: 215ss.), os numerais cardinais como *ein*, *zwei*, *drei* [um, dois, três], etc. e os quantificadores de contagem vaga como *einige* [alguns], *mehrere* [vários], etc. Os quantificadores do tipo (ii) têm o valor [-ind]. Eles são neutros em relação à individuação do referente. Fazem parte desse grupo os quantificadores cumulativos como *aller* [todo] e de medição como *etwas* [um pouco de], *wenig* [pouco], *viel* [muito], etc. Como também no PB, o valor de individuação é um componente fixo da entrada lexical de cada quantificador.

A língua alemã também possui dois números:

- (i) plural e
- (ii) singular.

O plural tem o valor [+incr] e introduz esse valor ao sintagma nominal. Ele indica que o referente é concebido como incrementado (cf. Frawley, 1992: 84ss.). O singular, com o

valor [-incr], é neutro em relação à incrementação, i.e., permite referentes não-incrementados, como no caso de *Herr* [senhor] e *Hund* [cão], e também incrementados, como no caso de *Herde* [rebanho], *Schwarm* [enxame], *Familie* [família], etc.

A grande maioria dos substantivos do alemão possui formas dos dois números (cf. Eisenberg, 1998: 204). Alguns, porém, são *pluralia tantum*, ou seja, têm apenas a forma de plural e não de singular, p.ex., *Leute* [pessoas] e *Tropen* [trópicos]. Ao contrário do PB, esses substantivos dificilmente ocorrerão na forma de singular. Não existem formas como *Leut* ou *Trope* como singular de *Leute* e *Tropen*, a não ser em um uso marcadamente desviante. Os *pluralia tantum* do alemão possuem, portanto, o valor [+incr] como componente fixo da sua entrada lexical, mas, dependendo de cada lexema, é possível que esse valor esteja semanticamente empalidecido, por ter deixado de realizar uma oposição com o singular. Outros substantivos do alemão são *singularia tantum*, i.e., têm apenas as formas de singular, como *Schnee* [neve], *Regen* [chuva] ou *Atem* [fôlego]. Esses substantivos não ocorrem no plural. Inclusive, com alguns deles, a formação de um plural chega a ser complicada, em termos morfofonológicos (cf. Eisenberg, 1998: 152ss.). Mas como o singular é o número não-marcado, esses substantivos não possuem nenhuma característica semântica específica que se explique pela falta da forma de plural.

Os quantificadores e números do alemão combinam-se entre si com relativa liberdade. Como no PB, os quantificadores neutros, em geral, têm formas de ambos os números (*viel* [muito] vs. *viele* [muitos], *aller* [todo] vs. *alle* [todos], etc.). Entre as poucas exceções encontram-se *etwas* [um pouco] e *ein bisschen* [um bocado], que não possuem formas de plural. Os quantificadores distributivos e de contagem tendem a ser usados só no singular (*ein* [um], *jeder* [cada]¹²) ou só no plural (*beide* [ambos], *zwei* [dois], *drei* [três], *mehrere* [vários], etc.) (cf. Eschenbach, 1995: 85).

¹² A gramática normativa não reconhece como gramatical o uso de *jeder* no plural (cf. Engel, 1996: 545; Duden, 1998: 355). Porém, na realidade da língua, *jeder* ocorre esporadicamente no plural, como em *ohne jede Schwierigkeiten* [sem qualquer tipo de dificuldade; literalmente: sem cada dificuldades]. Nesse emprego, *jeder* recebe uma leitura genérica, no sentido de “qualquer tipo de” (cf. Blühdorn & Nomura, 1999: 189s.). (Nota-se que *cada*, em PB, também tem leitura genérica em sentenças como *Já ouvi cada história!* – “histórias de qualquer tipo (esquisito)”). Os quantificadores distributivos *manche* [alguns] e *beide* [ambos], do alemão, possuem formas de singular e plural. Em seus sentidos básicos, não-marcados, são usados no plural (cf. Duden, 1998: 271s., 288, 357s.). O singular é reservado para empregos marcados: *mancher* recebe tipicamente a leitura genérica “diversos tipos de” e *beides* é usado como pronome anafórico de gênero neutro, para retomar antecedentes não-animados de gênero masculino, feminino e neutro (cf. Duden, 1998: 271s.).

Em relação aos traços [\pm ind] e [\pm incr], as quatro combinações de valores são possíveis em SNs referenciais:

- (52) Hans hat **Wasser** getrunken. [-ind], [-incr]
[João bebeu **água**]
- (53) Anna hat **Tomaten** gekauft. [-ind], [+incr]
[Ana comprou **tomates**]
- (54) Hans hat **einen Tukan** gesehen. [+ind], [-incr]
[João viu **um tucano**]
- (55) Anna hat **mehrere Zigarren** geraucht. [+ind], [+incr]
[Ana fumou **vários charutos**]

As combinações [-ind], [-incr] e [-ind], [+incr], exemplificadas pelas sentenças (52) e (53), permitem, ainda, o acréscimo de um quantificador neutro, sem que mudem os valores de individuação:

- (52.a) Hans hat **viel Wasser** getrunken. [-ind], [-incr]
[João bebeu **muita água**]
- (53.a) Anna hat **viele Tomaten** gekauft. [-ind], [+incr]
[Ana comprou **muitos tomates**]

A gramática normativa prevê que os quantificadores em orações do tipo (53.a) devem ser usados no plural, i.e., *viele* [muitos] e não, *viel* [muito], em função da concordância com o número do substantivo (cf. Engel, 1996: 548; Duden, 1998: 751; também: Eschenbach, 1995: 131). Quantificadores neutros como *etwas*, que não possuem formas de plural, não deveriam ser usados em orações desse tipo (cf. Duden, 1998: 355). No entanto, na realidade lingüística, tanto *viel* como *etwas* ocorrem em ambientes como o de *viele* em (53.a), i.e., quantificadores com o valor [-ind] no singular são usados, com alguma frequência, junto com substantivos no plural (cf. Behrens, 1995: 43s.):

- (56) Ich wollte nur **etwas Tomaten** und keinen Großeinkauf tätigen.
[eu só quis **um pouco de tomates**, não quis fazer grandes compras]
[http://www.ciao.com/Tengelmann__Test_2319646 – 25.04.2003]

Mas em alemão, diferentemente do português, os quantificadores neutros só podem ser combinados livremente com substantivos no plural e não no singular. O mesmo é válido para o uso *bare*, de modo que numerosos substantivos não aceitem empregos como em (52) e (52.a), a não ser como desvios propositados para produzir efeitos estilísticos:

(57) Hans hat **Tukan** gesehen.

[João viu **tucano**]

(57.a) Hans hat **viel Tukan** gesehen.

[João viu **muito tucano**]

Em sentenças como essas, o referente de *Tukan* só pode ser entendido como massa, p.ex., carne de tucano. A leitura de indivíduos é impossível. Essa observação justifica que os substantivos do alemão sejam divididos em mais do que uma classe, com relação à contabilidade.

Teoricamente, há uma série de possibilidades de efetuar tal divisão. Pode-se, por exemplo, seguir a proposta de Quirk et al. (1985) e postular três classes de substantivos:

- (i) contáveis,
- (ii) massivos e
- (iii) neutros (que podem ser usados em ambas as variantes).

Essa divisão não seria possível a partir de uma única oposição privativa. Dentro do modelo adotado no presente artigo, ela equivaleria a postular dois traços distintivos: [\pm contável] e [\pm massivo]. Os substantivos do tipo (i) seriam caracterizados pelos valores [+cont], [-mass], os substantivos do tipo (ii), pelos valores [-cont], [+mass], e os substantivos do tipo (iii), pelos valores [-cont], [-mass]. Não haveria substantivos do quarto tipo matematicamente possível, [+cont], [+mass], em função de uma restrição de compatibilidade entre esses valores.

Visto que o único fato distribucional a ser explicado pela classificação dos substantivos é a impossibilidade de SNs referenciais do tipo exemplificado em (57) e (57.a), a introdução de dois traços adicionais parece pouco econômica. De fato, o que distingue esses substantivos dos demais é a denotação de objetos caracterizados por limites espaço-temporais bem definidos. Portanto, o traço mais adequado para classificar os substantivos do alemão deve ser [\pm delimitado] (doravante, [\pm del]). Distinguem-se:

- (i) substantivos que denotam objetos delimitados (contáveis) e
- (ii) substantivos neutros.

Os substantivos do tipo (i) possuem o valor [+del]. Eles indicam que o referente tem uma forma típica no espaço-tempo e é nitidamente separado, mediante limites externos, do seu ambiente. Trata-se de substantivos como *Dreieck* [triângulo], *Ball* [bola] ou *Kater* [gato]. Os substantivos do tipo (ii) têm o valor [-del]. São lexemas como *Schnee*

[neve], *Regen* [chuva] ou *Skepsis* [ceticismo]. Eles indicam que o referente não necessariamente possui uma forma típica no espaço-tempo, nem limites que o separem do seu ambiente.

Cabe mencionar que os substantivos monomorfemáticos da língua alemã não fornecem nenhuma evidência direta para a realidade dessa oposição, pois não possuem marcas formais, nem de contabilidade, nem de massividade. Já os substantivos derivados fornecem evidências. A língua alemã possui afixos derivacionais que formam substantivos contáveis, i.e., substantivos que não podem ser usados em contextos como (57) e (57.a), e outros que formam substantivos neutros, i.e., substantivos que não apresentam tal restrição. Entre os sufixos que formam substantivos contáveis mencionam-se *-er* e *-ling* como em *Lehr-er* [professor], do verbo *lehr-en* [ensinar], e *Schütz-ling* [protegido], do verbo *schützen* [proteger]. Há também alguns sufixos não-nativos, em geral de origem românica, p.ex., *-ent* (*Stud-ent* – *estudante*), *-ant* (*Demonstr-ant* – *manifestante*), *-ator* (*Koordin-ator* – *coordenador*), *-ist* (*Kompon-ist* – *compositor*), etc. (cf. Duden, 1998: 522ss.). A função semântica principal desses sufixos é a indicação de papéis temáticos (AGENTE, PACIENTE, INSTRUMENTO, PRODUTO, etc.), mas a indicação da contabilidade é outra função presente em todos. Por outro lado, há recursos derivacionais que formam substantivos neutros. O sufixo *-ung*, p.ex., nominaliza verbos, como *Reinig-ung* [limpeza] (de *reinigen* [limpar]) ou *Regier-ung* [governo] (de *regieren* [governar]). Os sufixos *-schaft* em *Schüler-schaft* [alunado] (de *Schüler* [aluno]) e *-tum* em *Bürger-tum* [burguesia] (de *Bürger* [burguês]) (cf. Duden, 1998: 508) indicam incrementação, tomando substantivos contáveis como base. O prefixo *Ge-* forma substantivos neutros a partir de substantivos contáveis, como *Ge-büsch* [mato] (de *Busch* [arbusto]), ou a partir de verbos, como *Ge-schrei* [gritaria] (de *schreien* [gritar]) e *Ge-schwätz* [fofoca] (de *schwätzen* [fofocar]) (cf. ib.: 515ss.). O prefixo *Ge-* ocorre também em numerosos substantivos neutros cuja derivação não é mais transparente no alemão contemporâneo, como *Ge-müse* [legumes], *Ge-schirr* [louças], *Ge-sindel* [canalha], etc. A existência de duas classes de morfemas derivacionais, uma para formar substantivos contáveis, outra para formar substantivos neutros, corrobora a realidade das duas classes de substantivos.

A classificação dos substantivos é corroborada também por uma restrição que se refere a construções partitivas. Enquanto os partitivos genéricos podem ser formados com qualquer substantivo: *eine Art Ball* [uma espécie de bola], *eine Sorte Wein* [uma

marca de vinho], os partitivos métricos usam-se apenas com substantivos neutros: *eine Tasse Kaffee* [uma xícara de café], *ein Klumpen Gold* [um pedaço de ouro] e com os plurais de substantivos contáveis: *eine Tüte Erbsen* [um saco de ervilhas], *ein Stapel Bücher* [uma pilha de livros]. Diferentemente do PB, não se usam em alemão partitivos métricos com substantivos contáveis no singular: *eine Menge Auto* [um monte de carro], *eine Kiste Apfel* [uma caixa de maçã], a não ser como expressão propositadamente desviante, para produzir efeitos estilísticos.

No entanto, a oposição [\pm del] é um traço semântico relativamente fraco em alemão. Para aceitar uma leitura referencial, os substantivos com o valor [+del] exigem que a delimitação do referente seja especificada por outra marca semântica adicional, que seja [+incr] ou [+ind] ou ambos juntos. Portanto, esses substantivos podem ser usados em sintagmas nominais referenciais de três tipos:

- (i) na forma *bare* de plural: [–ind], [+incr], [+del],
- (ii) na forma de singular acompanhada por um quantificador distributivo ou de contagem: [+ind], [–incr], [+del] ou
- (iii) na forma de plural acompanhada por um quantificador distributivo ou de contagem: [+ind], [+incr], [+del].

A variante (i) pode ser ilustrada pelo exemplo (58), a variante (ii), pelo exemplo (59) e a variante (iii), pelo exemplo (60):

(58) Ich habe **Bücher** gekauft.

[eu comprei **livros**]

(59) **Jeder Apfel** schmeckte anders.

[**cada maçã** tinha outro sabor]

(60) **Drei Schüler** waren krank.

[**três alunos** estavam doentes]

O valor [+del] em combinação com os valores negativos [–ind] e [–incr] não permite leituras referenciais. Por isso, em exemplos como (61), o SN em negrito é interpretado como predicativo:

(61) Er arbeitet als **Pförtner**.

[ele trabalha como **porteiro**]

Outra possibilidade é a neutralização do traço [+del], para que o SN possa ser lido referencialmente, como em:

(62) Anna hat **Brot** gekauft.

[Ana comprou **pão**]

Nesse caso, com grande probabilidade, a referida pessoa comprou pão sob forma de indivíduos delimitados no espaço. Mas o uso do substantivo no singular, desacompanhado de quantificadores distributivos ou de contagem, leva à interpretação de massa. Nesse caso, o SN *Brot* tem os valores [-ind], [-incr], [-del], como também o SN *Schnee* [neve] no exemplo a seguir:

(63) Es lag **Schnee** auf der Straße.

[tinha **neve** na rua]

De acordo com o exposto, existem interdependências bastante transparentes entre os traços semânticos [\pm ind], [\pm incr] e [\pm del] em SNs referenciais: [\pm ind] e [\pm incr] combinam-se livremente; se pelo menos um dos dois tiver valor positivo, então [\pm del] terá valor positivo; se ambos tiverem valor negativo, então [\pm del] também terá valor negativo. Existem, portanto, quatro variantes básicas de SNs referenciais no alemão:

(i) [+ind], [+incr], [+del]

(ii) [+ind], [-incr], [+del]

(iii) [-ind], [+incr], [+del]

(iv) [-ind], [-incr], [-del]

As variantes (i) e (ii) são produtos da regra A:

(A) Os quantificadores distributivos e de contagem, caracterizados pelo traço [+ind], selecionam como complemento um substantivo com o traço [+del], independentemente do valor que assume o traço [\pm incr].

Essa regra autoriza sintagmas referenciais como *drei Eltern* [três pais] e *beide Schuhe* [ambos os sapatos], do tipo (i), bem como *ein Dreieck* [um triângulo] e *jeder Apfel* [cada maçã], do tipo (ii), ilustrados nos exemplos a seguir:

(64) Das Schulforum besteht aus dem Schulleiter, zwei Lehrkräften, **drei Eltern** und drei Schülern.

[o conselho escolar integra o diretor da escola, dois professores, **três pais** e três alunos]

[<http://www.meidel.geithware.de/elternbeirat/elternb1.htm> – 02.05.2003]

- (65) Leider sehen **beide Schuhe** sehr ähnlich aus.
[infelizmente **ambos os sapatos** são muito semelhantes (um ao outro)]
[<http://www.1-2-3-gaestebuch.de/buch.gb?benutzer=shop24> – 02.05.2003]
- (66) Ich hab mit dem Linienwerkzeug **ein Dreieck** gezeichnet und möchte das jetzt füllen.
[eu desenhei, com a ferramenta de linhas, **um triângulo** e quero preenchê-lo agora]
[<http://www.dreamworker.de/foren/viewtopic.php?TopicID=7208> – 02.05.2003]

- (67) **Jeder Apfel** muss einmal gewendet werden.

[**cada maçã** precisa ser virada uma vez]

[<http://www.umweltstation-iffens.de/a-spiel.htm> – 02.05.2003]

As variantes (i) e (iii) são produtos da regra B:

- (B) O plural, caracterizado pelo traço [+incr], também seleciona como complemento um substantivo com o traço [+del], independentemente do valor que assume o traço [±ind].

Essa regra autoriza sintagmas referenciais como *drei Eltern* [três pais] e *beide Schuhe* [ambos os sapatos], do tipo (i), bem como *Leute* [pessoas], *Schuhe* [sapatos] e *Erbsen* [ervilhas], do tipo (iii):

- (68) Schweden: Land und **Leute** kennenlernen.

[Suécia: conhecer país e **povo**]

[<http://mypage.bluewin.ch/brunvalla/schweden/> – 02.05.2003]

- (69) Mein Vater verkauft **Schuhe**.

[meu pai vende **sapatos**]

[<http://www.lyricsfreak.com/d/dirk-wiedemann/82568.htm> – 02.05.2003]

A variante (iv) é produto da regra C:

- (C) Os substantivos neutros, caracterizados pelo traço [–del], dispensam (e, de fato, não permitem) a presença simultânea dos valores [+ind] e/ou [+incr] em um SN referencial.

Essa regra autoriza sintagmas referenciais como *Schnee* [neve], *Schutz* [proteção] e *Atem* [fôlego], ilustrados pelos seguintes exemplos:

- (70) Bereits seit einigen Tagen liegt **Schnee** hier in der Stadt.

[já há alguns dias, temos **neve** aqui na cidade]

[<http://www.reschke.de/ideenmagazin/schnee.htm> – 02.05.2003]

- (71) Die nächste Toreinfahrt bot **Schutz** vor plötzlichem Regen.
[o próximo portão ofereceu **proteção** contra chuvas inesperadas]
[<http://vietnam.tomber.de/Vietnam-Texte/Vietnam-Texte-Easy.html> –
02.05.2003]

- (72) Web Services hauchen Internet-Wirtschaft neuen **Atem** ein.
[serviços na web dão novo **fôlego** à economia de internet]
[[http://www.handelsblatt.com/hbiwwwangebot/fn/relhbi/sfn/buildhbi/cn/GoArt!
200104,204350,611636/SH/0/depot/0/](http://www.handelsblatt.com/hbiwwwangebot/fn/relhbi/sfn/buildhbi/cn/GoArt!200104,204350,611636/SH/0/depot/0/) – 02.05.2003]

As variantes (iii) e (iv), finalmente, são produtos da regra D:

- (D) Os quantificadores cumulativos e de medição, caracterizados pelo traço
[–ind], são compatíveis com substantivos [+del] e [–del], desde que o
traço [±incr] tenha o mesmo valor que o traço [±del].

Essa regra autoriza sintagmas referenciais como *viel Leute* [muita gente] e *etwas Erbsen* [um pouco de ervilhas], do tipo (iii), bem como *viel Schnee* [muita neve] e *etwas Ruhe* [um pouco de silêncio], do tipo (iv):

- (73) Da die Gruppe nicht individuell zusammengestellt wurde, trafen sich hierbei
sehr **viel Leute**, die überhaupt nicht zusammenpassten.
[como o grupo não foi composto individualmente, encontraram-se, nessa
ocasião, **muita(s) pessoas** que não combinavam entre si]
[http://www.eatundflirt.de/eat_meet__teilnehmerstimmen3.html – 02.05.2003]

- (74) Ich habe **etwas Erbsen** organisiert.
[providencie **um pouco de ervilhas**]
[<http://www.zib.de/zuse/Inhalt/Texte/Chrono/40er/Ps/0562.ps> – 02.05.2003]

- (75) Hier unten gibt es sehr **viel Schnee**.
[aqui embaixo tem **muita neve**]
[<http://www.restena.lu/primaire/sanem/chr/archiv/schneil/html/jessica.htm> –
02.05.2003]

- (76) Ich hatte also endlich **etwas Ruhe**.
[encontrei, finalmente, **um pouco de silêncio**]
[<http://www.baliku.de/Bali/010101.htm> – 02.05.2003]

A compatibilidade de quantificadores neutros e do uso referencial da forma *bare* com o singular dos substantivos neutros e com o plural dos substantivos contáveis, mas não com o singular dos substantivos contáveis, tem levado alguns autores a postular

uma semelhança semântica entre SNs dos tipos (iii) e (iv) (cf. Gillon, 1992; Link, 1998: 12). No entanto, esse postulado obscurece a diferença substancial entre singulares neutros e plurais contáveis, em relação ao grau de marcação. Enquanto os singulares neutros são formas não-marcadas, os plurais contáveis são formas duplamente marcadas. Gillon (1992: 627ss.), em seu artigo sobre a semântica da contabilidade no inglês, analisa os singulares neutros em analogia com os plurais contáveis, tomando assim formas marcadas como ponto de partida para a análise de formas não-marcadas. Em termos metodológicos, o desejável seria justamente o procedimento inverso, i.e., a análise de formas marcadas a partir de formas não-marcadas. Os exemplos concretos de Gillon são plurais como *drapes* [cortinas] e *leaves* [folhas], que servem de base para a análise de singulares como *drapery* [cortinas; drapejo] e *foliage* [folhagem]. Observa-se que, para a grande maioria dos substantivos neutros, como *water*, *iron*, *gold*, etc., não existem plurais contáveis semanticamente equivalentes, nem no inglês, nem no alemão ou no português.

4.2 Leituras especiais

As regras A a D, formuladas no item anterior, estabelecem como padrão para a língua alemã sintagmas nominais referenciais indefinidos de quatro tipos:

- | | | |
|-------|--|-------------------------|
| (i) | <i>beide Schuhe</i> [ambos os sapatos] | [+ind], [+incr], [+del] |
| (ii) | <i>jeder Apfel</i> [cada maçã] | [+ind], [–incr], [+del] |
| (iii) | <i>Schuhe</i> [sapatos] | [–ind], [+incr], [+del] |
| (iv) | <i>Atem</i> [fôlego] | [–ind], [–incr], [–del] |

Ao mesmo tempo, essas regras não excluem completamente sintagmas nominais referenciais indefinidos de outros tipos. Tais sintagmas requerem interpretações especiais.¹³ Sintagmas como *ein Schnee* [uma neve], *jedes Gesindel* [cada canalha], *drei Bier* [três chope] ou *beide Gold* [lit.: ambos o ouro], por exemplo, possuem os valores [+ind], [–incr], [–del]. Essa combinação viola as regras A e C. Sintagmas como *Biere*

¹³ É corriqueiro na bibliografia sobre a contabilidade que empregos dos tipos discutidos a seguir sejam considerados agramaticais. Mas como observa Behrens (1995: 47ss.), os termos *gramatical* vs. *agramatical* costumam ser usados de uma maneira mal-definida nesse contexto. Na verdade, quase todas as combinações matematicamente possíveis de substantivos com quantificadores e números podem ocorrer e ser adequadamente interpretados em algum ambiente lingüístico.

[cervejas], *Golde* [ouros] ou *Wässer* [águas], com os valores [-ind], [+incr], [-del], violam as regras B e C. E sintagmas referenciais como *viel Familie* [muita família], *etwas Apfel* [um pouco de maçã] ou *alle Welt* [todo mundo], bem como *Auto* [carro], *Kater* [gato] ou *Schuh* [sapato], com os valores [-ind], [-incr], [+del], infringem a regra D. Verificaremos a seguir as interpretações normalmente dadas a SNs desses tipos.

Em sintagmas como *ein Schnee* [uma neve], *jedes Gesindel* [cada canalha], *drei Bier* [três chope], *beide Gold* [lit.: ambos o ouro], o valor [+ind] do quantificador é incompatível com o valor [-del] do substantivo. Nesse caso, o traço forte do quantificador predomina sobre o traço mais fraco do substantivo, ou seja, os substantivos de massa são reinterpretados como contáveis. A reinterpretação segue uma das quatro estratégias já levantadas e comentadas no item 3.2 acima:

- (i) leitura metonímica,
- (ii) leitura metafórica,
- (iii) leitura genérica,
- (iv) leitura métrica.

A leitura metonímica é ilustrada por sintagmas como *drei Platin* [três platina] no lugar de *drei Platin-Schallplatten* [três discos de platina] ou *beide Gold* [lit.: ambos o ouro] no lugar de *beide Goldmedaillen* [ambas as medalhas de ouro] (cf. Behrens & Sasse, 1999: 63). Também pode-se dizer *eine Schönheit* [uma beleza] para fazer referência a uma pessoa bonita (cf. Behrens, 1995: 52). Nesses casos, menciona-se um material no lugar de um objeto feito desse material ou uma qualidade no lugar do seu portador. O material e a qualidade em si não são delimitados, mas o objeto é delimitado e, portanto, compatível com o traço [+ind]. A leitura metafórica pode ser ilustrada pela expressão *ein stilles Wasser* [uma água calma], usada para fazer referência a uma pessoa que fala pouco, mas, em compensação, pensa muito.

Leituras genéricas (cf. Behrens, 1995: 66ss.) podem ser dadas aos SNs *ein Schnee* [uma neve] e *jedes Gesindel* [qualquer canalha] nos exemplos a seguir:

- (77) Ich kann Dir sagen, hier liegt **ein Schnee**! Wie Staubzucker ... herrlich!!
[eu vou te dizer, aqui tem **uma neve**! que nem pó de açúcar ... uma maravilha!!]

(78) Jetzt ist es ihm egal, wer kommt, **jedes Gesindel**, jeder Gauner darf nun in den Hochzeitssaal.

[agora ele não quer mais saber quem vem, **qualquer canalha**, qualquer malandro pode entrar no salão de casamento]

[http://www.eberhard-gottsmann.de/Gottsmann/99_28Jahressonntag.htm – 21.03.2003]

Ein Schnee, em (77), é entendido como referência a um determinado tipo de neve, uma subespécie que possui as qualidades de açúcar em pó. *Jedes Gesindel*, em (78), refere-se a tipos de gente de baixo nível social e ético (mendigos, assaltantes de rua, viciados em drogas, etc.). A leitura genérica não toma indivíduos como referentes, mas espécies, categorias. De acordo com Carlson (1980), espécies comportam-se como indivíduos, particularmente no que diz respeito a sua delimitação. Substantivos de massa como *Schnee* e *Gesindel* descrevem os referentes como não-delimitados, mas a leitura genérica atribui-lhes uma acepção delimitada e torna-os compatíveis com o traço [+ind] do quantificador (cf. também Blühdorn, 2001: 6ss.).

A leitura métrica é ilustrada por *ein Kaffee* [um café] ou *drei Bier* [três chope]. Tais sintagmas são normalmente entendidos no sentido de “*eine Tasse Kaffee*” [uma xícara de café] e “*drei Glas Bier*” [três copos de chope]. As unidades de medição tipicamente associadas com o material referenciado atribuem-lhe limites e tornam-no compatível com o traço [+ind].

Em sintagmas como *viel Familie* [muita família], *etwas Apfel* [um pouco de maçã] ou *alle Welt* [todo mundo], o valor [–ind] é incompatível com a combinação de valores [–incr], [+del]. Nesse caso, ocorre a interpretação inversa da acima descrita. Sob a influência do valor [–ind] do quantificador, o substantivo contável é reinterpretado como neutro. Essa reinterpretação segue sempre a mesma estratégia, a que chamaremos de referência continuativa.

O funcionamento dessa reinterpretação pode ser comparado ao aspecto imperfectivo do verbo (cf. Frawley, 1992: 297ss.). De acordo com Klein (2000: 365), uma oração afirmativa descreve, mediante a base lexical do verbo, um estado de coisas inserido em um determinado intervalo de tempo. Esse intervalo é chamado de T-SIT (*time of situation*). O morfema de conjugação temporal do verbo aponta para um outro intervalo de tempo, chamado de TT (*topic time*). Esse é o intervalo, sobre o qual se faz uma afirmação. O aspecto é definido a partir da relação entre TT e T-SIT. Se TT é

coextensivo com ou mais extensivo do que T-SIT, T-SIT se insere em TT. Nesse caso, temos o aspecto perfectivo. Se, por outro lado, TT é menos extensivo do que T-SIT, i.e., insere-se em T-SIT, então temos o aspecto imperfectivo.

A referência dos sintagmas nominais funciona de uma maneira plenamente análoga à referência verbal. A base lexical do substantivo descreve um objeto que ocupa um determinado intervalo espaço-temporal (S-OBJ: *space of object*). O elemento definido ou indefinido do SN (o determinante) aponta para um outro intervalo espaço-temporal, sobre o qual se afirma algo. Esse pode ser chamado de TS (*topic space*). Vejamos, para fins de ilustração, os seguintes exemplos:

(79) Hans hat **eine große Familie**.

[João tem **uma grande família**]

(80) Auf der Hochzeit kam **viel Familie** zusammen.

[no casamento reuniu-se **muita família**]

Em sintagmas nominais como *eine große Familie*, em (79), TS é coextensivo com S-OBJ, i.e., a família como um todo serve de referente. Essa é a referência individuativa, análoga ao aspecto perfectivo. Em sintagmas como *viel Familie*, em (80), TS é menos extensivo do que S-OBJ. O quantificador *viel* seleciona como referente um subintervalo espaço-temporal daquele descrito pelo substantivo. *Viel Familie* engloba muitas pessoas, mas não engloba a família toda. Essa é a referência continuativa, análoga ao aspecto imperfectivo.

Em outras palavras, a compatibilidade entre o valor [–ind] do quantificador de medição e o valor [+del] do substantivo contável é construída à custa da coextensividade entre o referente (TS) e o objeto descrito pelo substantivo (S-OBJ). O mesmo ocorre com *etwas Apfel* em:

(81) Es muss noch **etwas Apfel** in den Salat.

[está faltando **um pouco de maçã** na salada]

Etwas Apfel seleciona um referente da mesma substância de uma maçã, mas menos extensivo do que ela.

Sintagmas como *Biere* [cervejas], *Golde* [ouros] ou *Wässer* [águas], que violam as regras B e C, possuem o valor [+incr] do plural e, ao mesmo tempo, o valor [–del] do substantivo de massa. Essa incompatibilidade pode ser resolvida de duas maneiras distintas:

- (i) pela leitura genérica,
- (ii) pela referência continuativa.

A leitura genérica interpreta os referentes como categorias, i.e., subespécies da espécie designada pelo substantivo:

- (82) **Deutsche Biere** schmecken ihm nicht.
[ele não gosta de **cervejas alemãs**]
- (83) Aus dem Schwarzwald kommen **gute Wässer**.
[da Floresta Negra vêm **boas águas**]

Em (82), o SN *deutsche Biere* faz referência aos diversos subtipos de cerveja alemã. *Gute Wässer*, em (83), faz referência a diversos tipos de água (ou, metaforicamente, de aguardente). Nesses casos, o valor [+incr] predomina sobre o valor [-del].

Em outros casos, bem mais raros, o valor [-del] do substantivo pode sobrepor-se ao valor [+incr] do plural, levando à leitura de referência continuativa. Esse é o caso de um outro plural, meio antiquado, do substantivo *Wasser*:

- (84) An **den Wassern** von Babylon saßen wir und weinten.
[junto aos rios da Babilônia sentamo-nos a chorar; cf. “são **as águas** de março fechando o verão”]

Essa variante do plural, em alemão chamada de *Abundanzplural* [plural de abundância] (cf. Eschenbach, 1995: 62; Mihatsch, 2000: 47), mantém a leitura não-delimitada do substantivo e adapta-lhe a leitura do plural. O plural não é mais interpretado como incrementador de indivíduos, mas sim, de massas, o que resulta no conceito de aumento. A mesma interpretação do plural parece ocorrer no caso de alguns substantivos *pluralia tantum* como *Tropen* [trópicos], *Fisimatenten* [bobagens] ou *Spesen* [despesas]. Esses substantivos não ocorrem em combinação com quantificadores de contagem como *drei Tropen* [três trópicos], *mehrere Fisimatenten* [várias bobagens] ou *zwei Spesen* [duas despesas]. O seu plural não incrementa indivíduos. Nestes substantivos, que também carecem de formas do singular, a função semântica do plural parece estar reduzida àquela de indicar aumento de contínuos.

Por último, restam os sintagmas nominais *bare* como *Auto* [carro], *Kater* [gato] ou *Apfel* [maçã]. Esses possuem os valores [-ind], [-incr], [+del]. Tais SNs são geralmente interpretados não-referencialmente, i.e., não permitem leituras referenciais. Comparem-se os seguintes exemplos:

- (85) Thomas spielte mal wieder **Kater**.
[Tomás, para variar, brincava de **gato**]
- (86) Diese Frucht heißt **Apfel**.
[esta fruta chama-se **maçã**]

Kater, em (85), descreve a maneira como Tomás brincava, *Apfel*, em (86), é interpretado como nome próprio da referida espécie de fruta. O primeiro uso é o predicativo, o segundo, o nomeador. Ambos são usos não-referenciais.

4.3 Conclusão

Nossa análise do alemão mostrou que os substantivos dessa língua, diferentemente daqueles do PB, possuem um traço sintático-semântico que contribui para a constituição da contabilidade em nível do SN. Assim como o PB, o alemão possui duas classes de quantificadores, caracterizadas pelos valores [+ind] e [-ind], e dois números, caracterizados pelos valores [+incr] e [-incr]. Também como no PB, os quantificadores e números combinam-se livremente entre si. No entanto, nem todos os substantivos são compatíveis com qualquer combinação de quantificadores e números, sem levar a efeitos semânticos especiais. Enquanto os substantivos neutros, caracterizados pelo valor [-del], em princípio, exigem que os traços [±ind] e [±incr] no SN referencial também assumam valor negativo, os substantivos contáveis, caracterizados pelo valor [+del], exigem que pelo menos um dos traços [±ind] e [±incr] assumam valor positivo.

Qualquer combinação de valores não condizente com as regras formuladas pode ocorrer na prática, mas leva inevitavelmente a reinterpretações semânticas e/ou a efeitos estilísticos. No total, mencionamos seis estratégias de (re)interpretação para tais casos: a leitura metonímica, a leitura metafórica, a leitura genérica, a leitura métrica, a referência continuativa e a leitura não-referencial. Essas estratégias também se empregam no PB, bem como em outras línguas, como mostraram os trabalhos de Behrens (1995; Behrens & Sasse, 1999). Isso sugere que elas sejam candidatas mais promissoras a universais lingüísticos do que a oposição entre substantivos contáveis e não-contáveis. De acordo com essa hipótese, observa-se que as seis estratégias apontadas não se restringem, em princípio, à interpretação de SNs que infrinjam uma regra de boa-formação. De acordo

com princípios de interpretação mais gerais, elas estão disponíveis para SNs de qualquer tipo, inclusive para aqueles que não violam nenhuma regra. *Viel Gold* [muito ouro], por exemplo, satisfaz perfeitamente as regras, mas pode, mesmo assim, ser interpretado no sentido de “*viele Goldmedaillen*” [muitas medalhas de ouro] (leitura metonímica). *Drei Schuhe* [três sapatos] também satisfaz as regras, mas pode ser interpretado no sentido de “três tipos de sapato” (leitura genérica). *Ein Lehrer* [um professor], embora não viole nenhuma regra, é lido predicativamente em *Ich bin ein Lehrer* [eu sou um professor].

Nossa análise nos leva, portanto, às seguintes conclusões. Na língua alemã, bem como em PB, a contabilidade é, antes de mais nada, uma categoria semântica do sintagma nominal. Em alemão, ela é organizada mediante três traços sintático-semânticos em ordem hierárquica: $[\pm\text{ind}]$, $[\pm\text{incr}]$ e $[\pm\text{del}]$. O primeiro pertence ao quantificador, o segundo, ao número e o terceiro, ao substantivo. O traço $[\pm\text{ind}]$ é o mais forte, o traço $[\pm\text{incr}]$, o intermediário, e o traço $[\pm\text{del}]$, o mais fraco. Todo substantivo possui um valor *default* de delimitação em sua entrada lexical, que se mantém em casos não-conflitantes. Mas quando aparecem conflitos com os valores do número e/ou do quantificador, o valor do substantivo é adaptado a esses para garantir uma interpretação adequada. Como alternativa, em casos raros, o traço do número pode sofrer alteração, a saber, no assim chamado plural de abundância. Nesse caso, o valor positivo não é trocado para o negativo, mas o conceito de incrementação cede lugar para o conceito menos forte de aumento. Apenas os valores dos quantificadores são incapazes de sofrer neutralização em alemão. Portanto, bem como em PB, a contabilidade do sintagma nominal no alemão é determinada, antes de mais nada, pelo quantificador, em segundo lugar pelo número gramatical e apenas em terceiro lugar, pelo substantivo. Sustentamos que a divisão dos substantivos em contáveis e não-contáveis, conhecida das gramáticas da língua inglesa, também se aplica à língua alemã, mas que ela está longe de ser suficiente para explicar a distribuição da contabilidade em nível de SN.

Nesse contexto, vale repetir a observação feita no início, de que a contabilidade só pode ser estudada adequadamente em sintagmas nominais referenciais indefinidos, como foi feito neste artigo. As generalizações a que chegamos são válidas também para SNs definidos, mas neles, por serem menos rígidos em relação à explicitude da quantificação, as regras de distribuição dos quantificadores e números tornam-se menos transparentes. Em SNs definidos, os quantificadores podem ser omitidos na medida em

que a quantidade do referente está evidente no contexto. Isso faz com que o traço *default* do substantivo possa parecer inalterado com maior frequência do que em sintagmas indefinidos. Contudo, ele nem sempre permanece de fato inalterado na ausência de um quantificador explícito. Em uma oração como:

(87) **Das Wasser** ist schon auf dem Tisch.

[a água já está na mesa],

o SN *das Wasser* não dá informação explícita sobre o traço [\pm ind]. Evidentemente é possível que a água esteja derramada sobre a mesa. Nesse caso, o traço seria [-ind] e, portanto, compatível com o traço [-del] do substantivo *Wasser*. Mas se o intérprete de (87) verifica que a água se encontra na mesa em copos (o que deve ser a variante bem mais provável), então sua leitura do SN *das Wasser* tem que ser métrica. Ele deve interpolar um quantificador com o traço [+ind] e/ou alterar o traço [-del] do substantivo para [+del].

5. Considerações finais

No presente artigo, estudamos a contabilidade em sintagmas nominais indefinidos referenciais do PB e do alemão. Mais especificamente, analisamos SNs *bare*, SNs com quantificadores distributivos e de contagem e SNs com quantificadores neutros.

Em relação ao PB, chegamos à conclusão de que os substantivos dessa língua não possuem marcas de contabilidade. Eles entram no sintagma nominal como participantes neutros que não contribuem para a constituição da contabilidade. As únicas restrições que limitam sua ocorrência em PB são de natureza conceitual. Em relação à língua alemã, a não-referencialidade de substantivos como *Kater* [gato] e *Schuh* [sapato] desacompanhados de quantificadores e/ou de um morfema de plural é a evidência empírica que nos levou a atribuir aos substantivos dessa língua um valor [\pm del]. Enquanto no PB, os substantivos que denotam objetos representados como indivíduos podem ser usados referencialmente sem a presença de um quantificador de contagem ou de um morfema de plural, o mesmo não é possível em alemão. Os substantivos neutros como *Wasser* [água], por sua vez, comportam-se igualmente nas duas línguas. Também os traços [\pm ind] e [\pm incr] apresentam comportamento idêntico.

Combinam-se livremente entre si e determinam a leitura do substantivo que constitui seu complemento sintático-semântico.

Em relação à distribuição dos números junto aos substantivos, observamos que existem substantivos *singularia tantum* e *pluralia tantum* em alemão, mas que inexistem – contrariamente às afirmações das gramáticas – tais substantivos em PB. Essa observação está de pleno acordo com a marcação vs. não-marcação dos substantivos com o traço $[\pm\text{del}]$. Nas línguas que distinguem entre substantivos contáveis e não-contáveis, como o inglês e o alemão, os *singularia tantum* são substantivos não-contáveis (cf. Frawley, 1992: 84) e os pluralizáveis são os contáveis. Como os substantivos do PB não possuem marcas de contabilidade, a oposição entre *singularia tantum* e pluralizáveis perdeu sua função nessa língua. No PB de hoje, todos os substantivos são pluralizáveis. Mas com isso, na ausência da oposição $[\pm\text{del}]$, também o plural está perdendo parte das suas funções semânticas junto ao substantivo. Não havendo substantivos não-pluralizáveis, a capacidade de formar o plural deixa de marcar um contraste. É por isso, que os substantivos do PB recente mostram a tendência, principalmente na língua falada, de perder a marcação de número (cf. Scherre, 1996). A distinção formal entre singular e plural concentra-se cada vez mais no quantificador, onde o traço $[\pm\text{incr}]$, junto com o traço $[\pm\text{ind}]$, preserva sua funcionalidade semântica para marcar a contabilidade do SN. Como consequência de tudo isso, o PB de hoje já não possui mais substantivos *pluralia tantum*.

O alemão, ao contrário disso, mantém a distinção lexical, mesmo que enfraquecida em comparação com o inglês, entre substantivos contáveis e neutros e, com isso, a oposição morfossintática entre substantivos *singularia tantum*, pluralizáveis e *pluralia tantum*. Diacronicamente, a marcação do número junto ao substantivo está, em princípio, estável no alemão, i.e., a não-marcação do plural como em *drei Mann* [três homem] limita-se a casos excepcionais. Via de regra, tais construções, como em **drei Apfel* [três maçã] ou **zwei Haus* [duas casa], são marcadamente mal-formadas.

Para terminar, ilustraremos as estruturas de marcação sintático-semântica de SNs referenciais indefinidos das duas línguas mediante os seguintes gráficos:

Gráfico 1: Estrutura hierárquica de marcação em sintagmas nominais referenciais indefinidos do PB

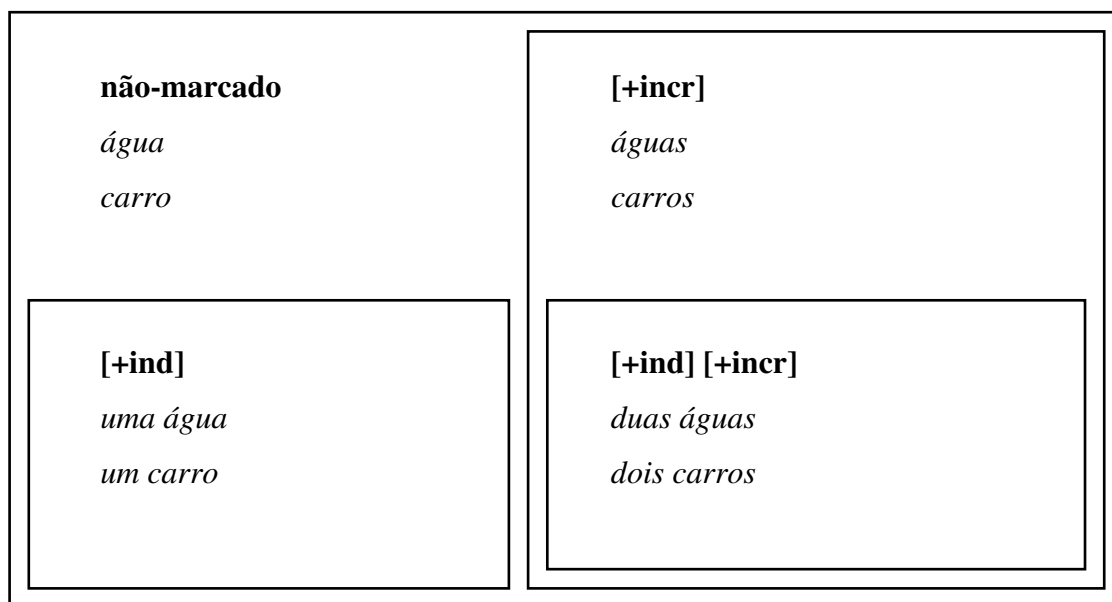
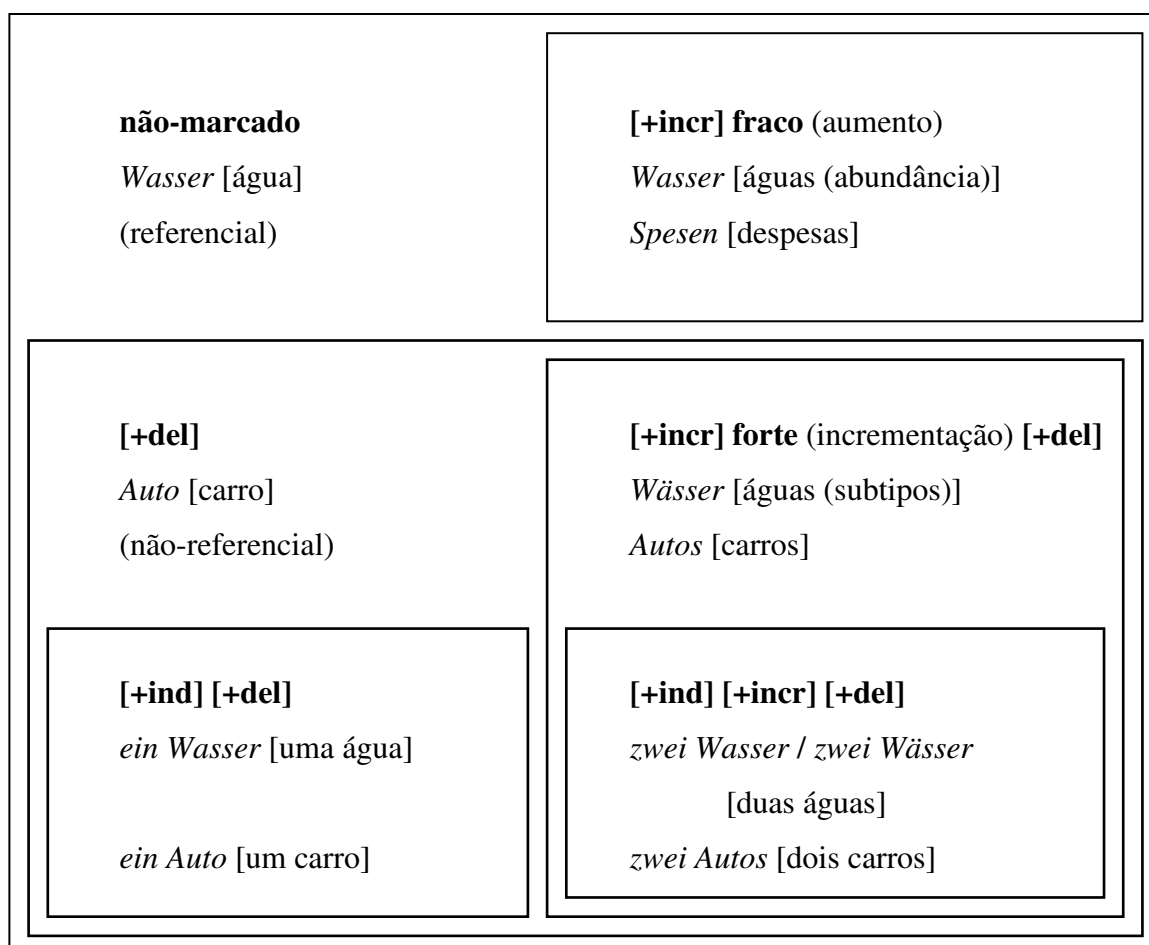


Gráfico 2: Estrutura hierárquica de marcação em sintagmas nominais referenciais indefinidos do alemão



6. Referências bibliográficas

- ALLAN, Keith. Nouns and countability. *Language*, vol. 56, pp. 541-567, 1980.
- AURÉLIO Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3^a. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37^a. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BEHRENS, Leila. Alternationen – ein Schlüssel für die Universalienforschung. *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*, vol. 13, n° 2, pp. 149-200, 1994.
- BEHRENS, Leila. Categorizing between lexicon and grammar. The MASS/COUNT distinction in a cross-linguistic perspective. *Lexicology*, vol. 1, pp. 1-112, 1995.
- BEHRENS, Leila & SASSE, Hans-Jürgen. *Qualities, Objects, Sorts, and Other Treasures: GOLD-digging in English and Arabic*. Köln: Institut für Sprachwissenschaft, 1999.
- BLÜHDORN, Hardarik. Generische Referenz. Ein semantisches oder ein pragmatisches Phänomen? *Deutsche Sprache*, vol. 29, pp. 1-19, 2001.
- BLÜHDORN, Hardarik & FAVARETTO, Bruno. Contabilidade de substantivos no português do Brasil. *Estudos Lingüísticos (GEL)*, vol. 29, pp. 369-374, 2000.
- BLÜHDORN, Hardarik & NOMURA, Masa. Observações sobre o uso de totalizadores nominais no alemão e no português do Brasil. *Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germânicos*, vol. 3, n° 1, São Paulo: Humanitas, pp. 185-227, 1999.
- BUNT, Harry. *Mass Terms and Model-theoretic Semantics*. Cambridge: CUP, 1985.
- CAMACHO, Roberto G. & PEZATTI, Eroltilde G. As subcategorias nominais contável e não-contável. In: KATO, Mary A. (org.). *Gramática do Português Falado*. vol. 5. Campinas: Editora da Unicamp, pp. 155-183, 1996.
- CARLSON, Gregory N. *Reference to Kinds in English*. New York: Garland, 1980.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2^a. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUDEN. *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*. 6^a. ed., Mannheim: Dudenverlag, 1998.
- EISENBERG, Peter. *Grundriß der deutschen Grammatik. Band 1: Das Wort*. Stuttgart: Metzler, 1998.
- ENGEL, Ulrich. *Deutsche Grammatik*. 3^a. ed., Heidelberg, Groos, 1996.
- ESCHENBACH, Carola. *Zählangaben – Maßangaben. Bedeutung und konzeptuelle Interpretation von Numeralia*. Wiesbaden: Deutscher Universitäts-Verlag, 1995.
- FARRELL, Patrick. The Conceptual Basis of Number Marking in Brazilian Portuguese. In: Koenig, Jean-Pierre (org.). *Discourse and Cognition: Bridging the Gap*. Stanford: CSLI, pp. 3-16, 1998.
- FRAWLEY, William. *Linguistic Semantics*. Hillsdale: Erlbaum, 1992.
- GÄRTNER, Eberhard. *Grammatik der portugiesischen Sprache*. Tübingen: Niemeyer, 1998.
- GILLON, Brendan. Towards a common semantics for English count and mass nouns. *Linguistics and Philosophy*, vol. 15, pp. 597-639, 1992.
- HAWKINS, John A. *Definiteness and Indefiniteness. A Study in Reference and Grammaticality Prediction*. London, Croom Helm, 1978.
- KLEIN, Wolfgang. An analysis of the German Perfekt. *Language*, vol. 76, pp. 358-382, 2000.
- KOLMER, Agnes. *Zur MASS/COUNT-Distinktion im Bairischen: Artikel und Quantifizierung*. Köln: Institut für Sprachwissenschaft, 1999.

- KRIFKA, Manfred. Genericity: An Introduction. In: Carlson, Gregory N. & Pelletier, Francis Jeffry (orgs.). *The Generic Book*. Chicago: University Press, pp. 1-124, 1995.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University Press, 1980.
- LANGACKER, Ronald. Nouns and Verbs. *Language*, vol. 63, n° 1, pp. 53-94, 1987.
- LINK, Godehard. The logical analysis of plurals and mass terms: A lattice-theoretical approach. In: Bäuerle, Rainer et al. (orgs.). *Meaning, Use and Interpretation of Language*. Berlin: de Gruyter, pp. 302-323, 1983.
- LINK, Godehard. *Algebraic Semantics in Language and Philosophy*. Stanford: CSLI, 1998.
- LYONS, John. *Semantics*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MARTINS, Eduardo. *Manual de Redação e Estilo*. 3ª. ed., São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa. Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Almedina, 1983.
- MIHATSCH, Wiltrud. Wieso ist ein Kollektivum ein Kollektivum? Zentrum und Peripherie einer Kategorie am Beispiel des Spanischen. *Philologie im Netz*, vol. 13, pp. 39-72, 2000 [<http://www.fu-berlin.de/phin/phin13/p13t3.htm>].
- MÜLLER, Ana. Genericity and the Denotation of Common Nouns in Brazilian Portuguese. *D.E.L.T.A.*, vol. 18, n° 2, pp. 287-308, 2002.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati. Distributividade e genericidade nos sintagmas introduzidos por *cada* e *todo*. *Revista do GEL*, n° especial em memória de Carlos Franchi, pp. 185-205, 2002.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- PELLETIER, Francis Jeffrey. Non-Singular Reference: Some Preliminaries (1975). In: Pelletier, Francis Jeffrey (org.). *Mass Terms: Some Philosophical Problems*. Dordrecht: Reidel, pp. 1-14, 1979.
- QUIRK, Randolph et al. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman, 1985.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*. 8ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- SCHERRE, Maria Marta. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: Silva, Giselle M. & Scherre, Maria Marta (orgs.). *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio: Tempo Brasileiro, pp. 85-117, 1996.
- SIMÕES, Luciene. *Aquisição da distinção semântica entre nominais contáveis e não-contáveis em língua portuguesa*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1992.
- VATER, Heinz. *Das System der Artikelformen im gegenwärtigen Deutsch*. 2ª. ed., Tübingen: Niemeyer, 1979.
- VATER, Heinz. Determinantien und Quantoren im Deutschen. *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*, vol. 3, n° 1, pp. 19-42, 1984.
- VATER, Heinz. Zur Abgrenzung der Determinantien und Quantoren. In: Vater, Heinz (org.). *Zur Syntax der Determinantien*. Tübingen: Narr, pp. 13-31, 1986.
- WIERZBICKA, Anna. *Lexicography and Conceptual Analysis*. Ann Arbor: Karoma, 1985.